

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



# **OS HOMENS CAEM RODEADOS DE PALAVRAS QUE EXPLICAM UMA QUEDA**

TRABALHO DE PROJETO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES PERFORMATIVAS

---

**Rui Manuel Oliveira David**

Amadora, Outubro/2017

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

## **TRABALHO DE PROJETO**

**Rui Manuel Oliveira David**

Trabalho de Projeto submetida à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Artes Performativas, realizada sob a orientação científica de Carlos Jorge Pessoa, professor coordenador, Interpretação.

Amadora, Outubro/2017

## Agradecimentos

À Inês Câmara Pestana que, sem hesitações e com todo o empenho, se disponibilizou a participar neste projecto.

Ao Teatro da Garagem que acolheu o projecto e disponibilizou o Teatro Taborda para as apresentações do espectáculo.

À Biblioteca Municipal Camões que gentilmente disponibilizou uma sala para ensaios.

Ao professor Luís Fonseca que fez a gravação vídeo do espectáculo, além de ter dado preciosas dicas técnicas.

## Resumo

Este trabalho procura reflectir no modo como o fenómeno da ameaça terrorista se impõe e mantém, nos nossos dias no mundo ocidental e como nos condiciona. Focome, essencialmente, no fenómeno do Estado Islâmico ou ISIS e o seu autoproclamado califado. Até que ponto esta ameaça, além de ser real, tem também um grande e importante impacto virtual e até teatral. Como os meios de comunicação e as redes sociais podem moldar a nossa percepção e influenciar o acto de comunicar, de partilhar pensamentos e torna-los acção, sem as grilhetas do medo, da autocensura, das normas morais ou dos preconceitos, sobretudo quando são difundidos e repetidos até passarem por verdades absolutas.

Procurei trabalhar neste trabalho de projecto de um modo transversal, como actor, autor de textos, dramaturgista e criador de guião, encenador e no trabalho de criação e montagem de vídeo.

Palavras-chave: Ameaça terrorista; Virtual; Teatral; Percepção.

## Abstract

This work seeks to reflect on how the phenomenon of the terrorist threat is imposed and maintained in our day in the Western world, and how it conditions us. I essentially want to focus on the phenomenon of the Islamic State or ISIS and its self-proclaimed caliphate. To what extent this threat, as well as being real, also has a large and important virtual and even theatrical impact. How the media and social networks can shape our perception and influence the act of communicating, sharing thoughts and making them action, without fear, self-censorship, moral norms or prejudices, especially when they are widespread and repeated until they are passed into absolute truths.

I sought to work on this project in a transversal way, as an actor, author of texts, dramaturgist and scriptwriter, director and in the work of creating and editing video.

Keywords: Terrorist threat; Virtual; Theatrical; Perception.

## Reflexão

“ O homem do nosso tempo já só respeita os desastres.

Já não se mede a grandeza humana senão pelo que ela foi.

Já não vamos a lado nenhum.

Hoje, quem é que ainda pode ter asas?

Nunca estivemos tão perto desta terra que nos engolirá.

Resta-nos o jogo que depende do acaso.

Alguns, os felizes, nunca se cansam de jogar.”<sup>(1)</sup>

Max Aub

---

1. Max Aub, *Crimes Exemplares*, prefácio, pág. 11.

## Índice

Agradecimentos .....	3
Resumo .....	4
Abstract .....	5
Reflexão .....	6
Índice .....	7
I - A ideia do projecto .....	10
II – A temática do projecto .....	12
III - A criação do objecto artístico	
1) Os textos .....	13
2) O guião .....	15
3) Os vídeos .....	16
4) No palco .....	17
5) O universo digital e virtual .....	20
6) Desenho de cena: espaço, figurinos e adereços .....	21
7) A luz, a música, o som e as mudanças de cena .....	22

VI – A temática do projecto desenvolvida	
1) O lugar do medo .....	24
2) Nós e Eles .....	25
3) Os recrutas que vieram do ocidente .....	27
4) O caos e a unidade .....	31
5) Ferramentas de comunicação e propaganda .....	33
6) A nossa percepção .....	34
7) História de medos .....	39
V - Teatralidade .....	40
VI – Barbáries intemporais .....	44
VII – Palavras de Rui Nunes .....	45
VIII – Conclusão .....	48
Bibliografia .....	49
Videografia .....	50
Musicografia .....	52
Outras fontes da Web .....	52



## Índice de imagens e vídeos

1) Vídeo “Receita” .....	60
2) Vídeo “Jogos de vídeo” .....	65
3) Vídeo “A Queda” .....	67

## Anexos

Texto do guião, anotado.

Folha de sala idealizada, com a ficha técnica do espectáculo.

## A ideia do projecto

Antes de mais, a ideia de realizar este mestrado surgiu de uma necessidade espontânea. Os meus primeiros contactos com o interior do universo teatral deram-se ainda durante o liceu, em finais dos anos 80 do século XX, com participações fugazes em grupos de teatro universitário, nomeadamente no Grupo de Letras, da Universidade de Letras de Lisboa. Foram participações fugazes mas marcantes, a ponto de me fazerem ingressar no curso superior de teatro da ESTC. Concluí o curso de actores em 1991 e envolvi-me na formação do grupo Teatro do Século, sob a direcção inicial de Amadeu Neves e a partir de 1991, de Inês Câmara Pestana. Participei como actor em alguns projectos do Grupo de Teatro Universitário de Agronomia, que daria posteriormente lugar ao grupo Teatro da Garagem (“Há um Barco Aqui por Perto”, 1988, de e encenado por Carlos J. Pessoa), do Teatro da Cornucópia (“Um Poeta Afinado” de Manuel de Figueiredo, 1990, e “Muito Barulho por Nada” de W. Shakespeare, 1990/91, encenações de Luís Miguel Cintra), em alguns projectos de cinema, rádio e televisão, mas foi no Teatro do Século que desenvolvi um trabalho mais consistente. Assim como desenvolvi alguns projectos como encenador, formador em workshops e oficinas de teatro e expressão dramática, com passagens pelo universo dos contos de tradição oral portuguesa, foi como actor que o meu trabalho sempre foi mais inato e autêntico. As minhas opções estéticas, inclusive neste projecto de mestrado, estão intimamente relacionadas e foram germinadas no meu trabalho com o Teatro do Século, razão porque não há como não o referir.

O projecto do Teatro do Século evoluiu, de um modo contínuo, durante toda a década de 90 do séc. XX. Desenvolvia uma estética que perseguia um teatro interventivo, intransigente e inconformista, com abordagem de autores contemporâneos, como Luigi Pirandello (“Vestir os Nus”, 1990/91, encenação de Amadeu Neves), Max

Aub (“Crimes & Interlúdios”, 1991, encenação de Inês Câmara Pestana), Sergi Belbel (“Carícias”, 1992, “Depois da Tempestade”, 1995, “Talem”, 1996 e “Sou Feia”, 1998), Steven Berkoff (“Kvetch”, 1993), ou Bernard-Marie Koltès (“Roberto Zucco”, 1994), de onde saltava uma urgência no desmascarar convenções sociais e na comunicação e atenção aos sinais e estímulos, internos e externos. É um teatro da palavra e do actor, pautado por uma linguagem clara e directa, onde o trabalho rigoroso dos actores como criadores foi sempre guia na construção do discurso. Houve críticas e observações aos espectáculos, nos meios de comunicação social, que lançam algumas pistas e podem ajudar a interpretar a expressão do grupo: “Teatro que põe em questão o que é essencial – a ontologia do ser, o carácter movediço da realidade, os instrumentos de aferição da verdade, o peso absoluto do relativo.”<sup>(2)</sup> “Características do teatro dito de rua e mesmo do chamado teatro de Agit-Prop (Agitação e Propaganda).”<sup>(3)</sup> “Espectáculo invulgarmente forte, de um hiper-realismo devastador.”<sup>(4)</sup> “O elenco do Teatro do Século vai caminhando alegremente sobre o vulcão.”<sup>(5)</sup> “Escalpelizar comportamentos e desmistificar a comédia humana. Energia e ferocidades raras, a um ritmo por vezes diabólico.”<sup>(6)</sup> “Um ritmo febril e a densidade perigosa do que parece prestes a converter-se em caos. Recolhe-se nesta fúria dramática, uma sensação de plenitude na empatia, como se nada no fundo mais restasse, a cargo desse esgotamento quase cerebral.”<sup>(7)</sup> “Desbragada desconstrução da mediania quotidiana, fantasia cruel de que nenhum bom sentimento sai incólume.”<sup>(8)</sup>

---

2. Jorge Listopad, sobre o espectáculo “Vestir os Nus”, *Jornal de Letras*, 04/06/1991.

3. Manuel João Gomes, sobre o espectáculo “Crimes & Interlúdios”, *Público*, 19/01/1992.

4. Fernando Midões, sobre o espectáculo “Carícias”, *Diário de Notícias*, 17/08/1992.

5. Manuel João Gomes, sobre o espectáculo “Carícias”, *Público*, 15/07/1992.

6. Manuel João Gomes, sobre o espectáculo “Kvetch”, *Público*, 29/06/1993.

7. Paulo Lopes Lourenço, sobre o espectáculo “Roberto Zucco”, *Diário de Notícias*, 25/02/1994.

8. Eugénia Vasques, sobre o espectáculo “Kvetch”, *Expresso*, 10/07/1993.

Desde o início deste projecto de mestrado que procurei desenvolver um trabalho transversal, da pesquisa à dramaturgia, passando pela escrita de textos, criação e montagem de vídeos, encenação e trabalho de actor. Ao mesmo tempo precisava de uma contracena, uma cúmplice na acção. Fez sentido convidar a Inês Câmara Pestana para se juntar ao projecto, como actriz, até pela convivência já estabelecida. Tal como fez sentido convidar para orientador do projecto o meu antigo colega de curso, Carlos J. Pessoa, agora professor nesta escola. Caminhos, de uma certa forma circular, que me foram conduzindo até este momento.

### A Temática do projecto

A temática do projecto surgiu da necessidade de reflectir sobre como o fantasma do terrorismo assombra as sociedades ocidentais e se torna um paradigma capaz de condicionar e moldar, não só o nosso pensamento como a nossa comunicação. A data 11 de Setembro de 2001 ficou profundamente marcada a um nível global. Além de ter deixado uma marca na nossa memória colectiva, influenciou a nossa imagética, as nossas concepções de bem e mal, a dualidade das liberdades individuais e da necessidade de protecção, a nossa percepção da própria realidade. Trata-se de uma guerra, mas não é uma guerra no sentido tradicional. O inimigo não está nas linhas de Torres, os aviões não sobrevoam as nossas cidades e não há sirenes de aviso. Após cada ataque assiste-nos o horror das imagens e o luto de cada um e a vida continua. Voltamos às nossas compras, às nossas alegrias e desgostos, aos nossos *reality shows*. Contudo, o medo persiste, latente, como um vírus adormecido que, sabemos, pode reaparecer quando menos se espera. Criou-se uma sensação difusa de um inimigo sem rosto, meio real meio virtual, que vai deteriorando o nosso paradigma de civilização. De alguma

forma esse medo é catalisado e aproveitado por vários interesses; cercas de arame electrificado que nos afastam do outro. A linguagem utilizada por este inimigo (foco-me, sobretudo, no autodenominado Estado Islâmico, ou ISIS - Islamic State in Iraq and Syria) é um factor fundamental na sua propaganda, no recrutamento de novos elementos e também no modo como nós gerimos essa ameaça. A utilização sistemática de imagens fortes e directas, nas fotos e vídeos divulgados, técnicas cinematográficas com efeitos visuais e sonoros de grande qualidade, imagéticas reconhecidas de poder e autoridade e sobretudo o aproveitamento dos recursos das redes sociais sempre actualizadas, garantem uma comunicação muito efectiva e direccionada. Há uma forte componente teatral no modo como essa mensagem é transmitida, com recurso a padrões e memórias comuns, que simplificam a nossa compreensão. O modo como os meios de comunicação, a um nível global, tratam o tema, discutindo, difundindo e sobretudo repetindo sistematicamente a notícia, amplia e intensifica as nossas reacções. Apesar de toda a parafernália de dados e informação que nos chegam, vamos construindo muros à nossa volta; muros de medo, de autocensura, de preconceito, que condicionam o pensamento, a acção e a comunicação com o outro.

### A criação do objecto artístico

#### Os textos

Na montanha de material bibliográfico que comecei por consultar sobre e em torno do tema escolhido, entre livros e filmes, ensaios e artigos, cedo saltou para a ribalta o texto *A Crisálida*, de Rui Nunes, um texto poético de 2016, duma linguagem tão crua quanto catalisadora de imagens e ideias. Não é um texto que se foque no ISIS ou no terrorismo em particular, mas na violência. Uma violência que atravessa os

tempos, que contraria e é indissociável da humanidade. “É pela crueza da linguagem que a verdade mais simples se manifesta. E a crueza pode estar no palavrão, mas também pode estar na desarticulação sintáctica.”<sup>(9)</sup> Durante a sua leitura foram-se impondo conceitos e personagens; homens ajoelhados na areia, um casal que assiste à matança enquanto come pipocas, no sofá, frente ao televisor, memórias de outros crimes, palavras de um sangue indiferente. Na demanda de memórias de outros crimes e como contraponto ou reforço à temática do terrorismo de cariz extremista islâmico, surgiu a obra *As cruzadas vistas pelos árabes*, do autor líbano-francês Amin Maalouf, sobretudo pelas suas descrições de actos violentos excessivos. Entramos no universo das cruzadas da época medieval, quando, sob pretextos religiosos, exércitos de soldados e combatentes cristãos feriram, violaram e chacinaram povos de outros credos e até da sua própria fé. Lado a lado os discursos dos diferentes textos confundem-se, tornando-se difícil distinguir o inimigo. São relatos intemporais, que podiam ser de matanças feitas sob qualquer estandarte. Para as cenas de um homem a cair, fui buscar alguma inspiração à obra *Versículos Satânicos*, de Salman Rushdie, sobretudo na descrição da queda de Gabriel, no primeiro capítulo. Entretanto fui escrevendo textos originais. Estes surgiram a partir do trabalho de dramaturgia desenvolvido, um pouco como uma montagem de imagens, palavras, sensações e memórias. Dão corpo às ideias que surgiram e voz às personagens que nasceram. Tornaram-se a cola que une elementos diferentes e desenha a forma e a arquitectura do espectáculo. Como exemplo, a queda de um homem, ou a queda do homem, era uma ideia vaga que me perseguia há algum tempo.

---

9. Rui Nunes entrevistado por Diogo Vaz Pinto, *jornal i*, 02/09/2013

Ficaram para sempre gravadas na minha memória as imagens dos corpos a cair das torres gémeas de Nova Iorque, a quando os ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001. Corpos que, enquanto caíam, tinham o cuidado de ajeitar a saia. A descrição da queda de Gabriel na obra de Salman Rushdie também andava latente. Entretanto, *A Crisálida*, de Rui Nunes, ofereceu-me esta passagem:

“Do crepúsculo da manhã ao crepúsculo da tarde  
É um tempo que se esmaga,  
O de um homem  
Que não sabe cair:  
Desengonçado, tortas as pernas, desabotoado o casaco.  
Cai. E ocupa:  
Uma ocupação sem jeito:  
Este corpo tão débil impede a rua. Um empecilho.”<sup>(10)</sup>

Nascia assim uma cena. Um homem cai e pede ajuda para cair. Se a queda é já inevitável, se nada nem ninguém a pode evitar, pede ajuda para, pelo menos, poder cair com mais compostura, com mais dignidade. Por vezes uma frase catalisa uma imagem, uma série de imagens, uma cena. Como anexo deste relatório apresento o guião anotado, com referência aos textos usados.

### O guião

As bússolas orientadoras da criação foram sempre a temática inicial e os textos. A partir do material inicialmente seleccionado, esbocei uma primeira versão do guião e começámos a viagem. Leituras, experimentações, imaginação à solta.

---

10. Rui Nunes, *A Crisálida*, pág. 26.

A cumplicidade que existe mim e a Inês, bem como o entendimento eficaz das ideias de cada um, ajudou na comunicação e constituiu um desafio exigente. Ao longo de cerca de 3 meses o guião teve várias versões. Escrevi passagens e diálogos, criámos personagens; algumas não se deram bem e saltaram para fora do projecto, outras impuseram-se, ficaram e cresceram, recriaram-se e fizeram aparecer outras personagens que também foram ficando. Começou a fazer sentido o cruzamento de vários planos conceptuais, sobretudo os actores, em palco e a projecção de imagens e de vídeo.

### Os vídeos

Os vídeos e as imagens projectadas são veículos de humor, crítica, sarcasmo e ironia. Comecei por seleccionar objectos com referência directa ao espaço dos meios de comunicação e da internet, como entrevistas, anúncios, *spots* de propaganda ética e política, e também ao universo da pintura. O material foi recolhido de fontes várias; momentos ocasionais e incógnitos, pinturas famosas, *clips* da Walt Disney, do Muppet Show, excertos de discursos de Hitler, *clips* de videojogos e imagens da propaganda do ISIS. Se nesta amálgama encontramos objectos bem identificados no tempo, ela acaba por construir um discurso fragmentado, intemporal e sem fronteiras, onde a imagem ora sublinha ora contrapõe o texto. Em relação à gravação a edição deste material, procurei um tipo de imagem meio granulada e um som roufenho, a evocar os vídeos caseiros, publicados e partilhados nas redes sociais por algum pseudónimo. Vídeos virais. *Clips* ao vivo de momentos efémeros. Há entrevistas ficcionadas a vizinhos de alegados terroristas que garantem “Foi sempre bem-educado, esperava sempre pela sua vez, não era como alguns...” ou “Era muito calado, muito metido para dentro. Eu vi logo que algo de estranho se passava”<sup>(11)</sup>.

---

11. Cena 4, “Entrevistas”, pág. 8 do guião anotado.



Há o vídeo de uma receita que mistura patriotismo, autoritarismo, maus tratos e maus costumes, crises de identidade e redes sociais, tudo embrulhado em papel verde ou azul. Há um jogo de vídeo, lançamento de um próximo natal, com armas disponíveis que vão das metralhadoras, óptimas para as crianças, às espingardas de precisão para as avós, com cabo ergonómico, especialmente adaptado para mãos com artrite ou reumatismo. São objectos de referência directa ao espaço televisivo. Exceptua-se o vídeo final, “vídeo da queda”, em que 2 minutos e 45 segundos de uma queda livre, cria uma sensação de turbilhão, de desequilíbrio, onde se perdem os pontos de referência e desembocam em imagens de cristos de Dali, jovens de burka, homens decapitados e imagens de David exibindo a cabeça de Golias. A última imagem apresentada é uma foto de Kayla Mueller tirada durante o seu cativeiro. Kayla Mueller foi raptada pelo ISIS, em Aleppo, Síria, em Agosto de 2013. Tinha 26 anos de idade e trabalhava com a organização humanitária “Médicos sem Fronteiras” na assistência a refugiados. Acabaria por morrer 2 anos mais tarde, em cativeiro. Numa carta que escreveu à família, diz: “Dei por mim a sentir-me embalada numa queda livre.”<sup>(12)</sup> É mais um corolário delirante e vertiginoso do próprio espectáculo. As imagens são elas próprias personagens que falam com o público; apelam à memória, ao conceito, à emoção e ao confronto, questionando a sua perspectiva.

No palco

No palco, as palavras ganham também vários planos. Nas cenas 1 (Abertura), 2 (Contextos 1) e 9 (Contextos 2), estão em cena actores-performers. Não estão ali personagens mas contadores de histórias e da História. Dão-nos informação.

---

12. Carta manuscrita de Kayla Mueller à família, durante o seu cativeiro. *The Washington Post*, 10/02/2015.

Se bem que nem todos os textos destas cenas sejam documentais, inserem-se nesse contexto. O texto da cena “Abertura” é integralmente retirado da obra *A Crisálida*. É uma espécie de declaração de princípios, onde os actores-performers como que esboçam ao público uma ideia geral: “Há por todo o lado palavras de um sangue indiferente” <sup>(13)</sup>. Por todo o lado ou por todo o tempo; palavras, morte, indiferença, ecrãs, memoriais. A cena seguinte, “Contextos 1”, começa com a descrição da situação: “Música forte, volume alto, chamas irrompem no ecrã, chamas de guerra, areia, sol, muita luz, a queimar, a queimar a imagem” <sup>(14)</sup> e inicia-se a sequência. Nesta cena existe já uma mistura de informação, como o número de bombas e os lugares onde caíram, com divagações de como se assiste à matança, no conforto do sofá, frente à televisão a comer pipocas. Na cena 9, “Contextos 2”, há testemunhos e entrevistas a ex-elementos do grupo ISIS, excertos da obra *As cruzadas vistas pelos Árabes* e textos originais meus, onde procuro, de um modo ficcional, ir ao encontro de uma certa informação histórica. Estes momentos, meio formais, procuram documentar *flashes* dos tempos, enquanto lançam no ar questões para o público. Depois há as cenas com personagens criadas. Estão, neste plano, as cenas 3 (Frente ao televisor 1) e 6 (Frente ao televisor 2), onde um casal sentado no sofá, frente ao televisor, assiste à morte em directo, actos terroristas difundidos na sua repetição, enquanto se queixam por não terem traduzido as últimas palavras dos moribundos. São duas personagens do mundo real, na sua vidinha real, que se vêm intrometer numa cena que pensava ser séria. As cenas 5, 8 e 11 (Quedas 1, 2 e 3) constituem uma sequência narrativa; um homem cai e ao cair, pede a um anão, que passa, ajuda para cair com mais compostura e dignidade. É, talvez, a sequência narrativa mais clara.

---

13. Cena 1, “Abertura”, pág. 2 e cena 9, “Contextos 2”, pág. 18 do guião anotado.

14 – Cena 2, “Contextos 1”, pág. 3 do guião anotado.

Durante a queda, as duas personagens falam uma com a outra, o homem em queda, o anão no solo. “Tudo parece igual rente ao chão”<sup>(15)</sup>, diz o homem que cai, enquanto o anão, no solo, lhe pede que descreva o que consegue ver àquela altitude. Falam, implicam, confessam-se, entrevistam-se e tiram-se fotos, ensaiam-se discursos, “É preciso a indignação de um discurso”<sup>(16)</sup> e cantam-se árias desenterradas de memórias antigas. É um jogo que jogam os dois. Um jogo entre em cima e em baixo, entre os vivos e os mortos, entre o sagrado e o profano, entre o sério e o riso, uma tentativa de chegar a algum lado, a “qualquer coisa importante, incontornável e eterna”<sup>(17)</sup>. “Talvez assim se consiga saltar sobre a morte e reaparecer vestido para a eternidade, vestido como deve ser”<sup>(18)</sup>. De repente trocam-se as voltas e os planos sobrepõem-se. O homem, na sua queda, deixa por momentos a sua personagem e volta a ser o actor-performer da “Abertura”, repetindo a sequência do refém executado a tombar no chão de terra. O espectáculo recorre a esse ponto de fuga que é a repetição: repetição de palavras, de frases, de cenas, sequências que se repetem nos vários planos. Os próprios actores não estão imunes ao jogo; as suas memórias contaminam as personagens, dissociando-as, fazendo-as escorregar para uma metalinguagem partilhada, como quando resolvem cantar a ária “No piú andrai”, de Mozart, aprendida nas aulas de voz da professora Natália de Matos, no curso de actores da ESTC.<sup>(19)</sup> As palavras têm aqui um peso e uma luz próprios. Nem sempre quem diz sabe claramente o que diz. As palavras funcionam, muitas vezes, como criadoras e catalisadoras de imagens, de memórias, de emoções, de outras palavras. E ganham um sentido mais profundo na recriação que cada espectador faz delas.

---

15. Cena 8, “Queda 2”, pág. 16 do guião anotado.

16. Cena 11, “Queda 3”, pág. 20 do guião anotado.

17. Cena 5, “Queda 1” pág. 10 do guião anotado.

18. Cena 2, “Contextos 1”, pág. 3 e cena 11, “Queda 3”, pág. 20 do guião anotado.

19. Cena 11, “Queda 3”, pág. 22 e 25 do guião anotado.

## O universo digital e virtual

O universo digital, dos meios de comunicação, da TV, do mundo virtual e das redes sociais está muito presente, no projecto e na narrativa. Desde logo na opção da projecção de imagens e vídeos e os seus contextos de que falei há pouco. No plano dos actores em palco, esse universo está igualmente manifesto. Toda a acção do casal acontece no sofá, frente à televisão. “Um mundo inteiro à nossa disposição.”<sup>(20)</sup> Informação e manipulação, mundos reais e mundos virtuais. A morte como espectáculo transforma a perplexidade inicial numa necessidade de emergir nessa realidade mais completamente. “Deviam traduzir! Temos o direito de saber o que eles gritam no fim. Afinal é para isso que pagamos o pacote tv/telefone/internet todos os meses”.<sup>(21)</sup> O mesmo casal, na cena 6 (Frente ao televisor 2), evoca os corpos a cair das torres gémeas de Nova Iorque, aquando os ataques de 11 de Setembro de 2001; memórias condicionadas pelos filtros dos meios de comunicação. A cena 3 (Frente ao televisor 1), termina com o casal absorvido no jornal: “Mr. Trump diz que, bla bla bla... cimeira do clima, final da taça, heróis do dia... Ah! Cá está: 5, 7, 23, 36 e 37; estrelas 8 e 9.”<sup>(22)</sup> Também durante as cenas da queda reencontramos esse universo. O anão entusiasma-se com a ideia de poder ser entrevistado como testemunha da queda: “Vai ficar escrito no jornal e só então as pessoas vão saber como realmente aconteceu; só depois de eu ler no jornal é que eu próprio vou saber como aconteceu.”<sup>(23)</sup>

---

20. Cena 2, “Contextos 1”, pág. 3 do guião anotado.

21 - Cena 3, “Frente ao televisor 1”, pág. 6 do guião anotado.

22 - Cena 3, “Frente ao televisor 1”, pág. 7 do guião anotado.

23 - Cena 5, “Queda 1” pág. 9 do guião anotado.

Mais tarde é o mesmo anão quem se transforma em locutor televisivo, assumindo fórmulas televisivas, tão incongruentes quanto repetidas até à exaustão, nas situações mais díspares: “Quer falar sobre isso? Como se sente? Quer falar-nos dos seus sentimentos? Confirma-se que o homem que caiu não é suspeito de ser um terrorista *low-cost*, não tem uma *shogun* enfiada no casaco e tem o casaco bem abotoado.”<sup>(24)</sup> Mesmo numa cena de cariz mais formal, como a cena 9 (Contextos2), o tema é aflorado, repetindo o que o casal já dissera na cena 6 (Frente ao televisor 2): “A - Foi o que disseram na televisão. B – A televisão disse isso? A - Acho que sim.”<sup>(25)</sup> A narrativa evolui. Da apresentação formal de uma espécie de declaração de princípios, vai-se escorregando, ou caindo numa espiral de febre delirante, para o que também contribui o discurso fragmentado e repetido, assumido ao longo do todo. Por mais do que uma vez o anão pergunta ao homem se consegue ver memoriais. A resposta é sempre negativa. Mas na verdade, o momento criado, por eles e pelos outros, os cerca de 35 minutos de objecto artístico, é ele mesmo um memorial, um lugar de evocação da memória, um monumento efémero à comunicação, à liberdade, à recusa do medo, à vida, onde até a discordância pode acabar numa canção.<sup>(26)</sup>

Desenho de cena: espaço, figurinos e adereços

Na criação do desenho de cena concentrei-me na ideia de simplicidade e simplificação do essencial. Há 2 cadeiras, espaço do casal que assiste à televisão. Há um espaço mais elevado, neste caso uma mesa forrada com pano preto, lugar do homem que cai, em contraponto ao chão, lugar da rua. No fundo da cena um plano vertical branco, onde são projectados os vídeos.

---

24. Cena 8, “Queda 2”, pág. 15 do guião anotado.

25 - Cena 6, “Frente ao televisor 2”, pág. 12 e cena 9, “Contextos 2”, pág. 18 do guião anotado.

26 - Cena 11, “Queda 3”, pág. 24 e 25 do guião anotado.

A escolha dos figurinos segue o mesmo conceito; os actores vestem uma roupa base, calças escuras e camisa ou t-shirt clara, figurinos com que se apresentam nas cenas “Abertura” e “Contextos”. Quando tomam o papel do casal TV, ele acrescenta uns óculos de plástico preto, sem lentes e ela, uma rede com rolos, na cabeça. Para as cenas das quedas, o homem veste um *blazer* e um chapéu, o anão veste um fraque e uns sapatos. São apontamentos, pequenos referenciais. Tal como a utilização de adereços: há um jornal que se lê, um telemóvel que tira fotos e de onde se enviam mensagens e que, ocasionalmente, finge ser um microfone. E há ainda um comando de televisão que não existe, o que faz com que os actores tenham que mimar os gestos de o usar. Opções que acabam por acentuar o carácter meio real meio virtual do universo retratado.

A luz, a música, o som e as mudanças de cena

Nos planos técnicos, optei pela utilização de uma arquitectura simples. Um esquema de luzes de frente e de contraluzes, para acentuar o recorte das figuras. A luz seve aqui, essencialmente, para se poder ver o que é mostrado. A primeira luz que se acende, no início do espectáculo, é uma contraluz sobre as costas de um actor. O texto começa por vir de uma figura em sombra, sem rosto. Depois outra figura surge, da mesma forma, até que, finalmente, as luzes frontais sobem e vemos os seus rostos. Para as cenas das quedas há um projector colocado no chão, iluminando a mesa e o homem, de baixo para cima. Desta forma cria-se uma perspectiva de profundidade, multiplicando as sombras. Vemos o homem a cair e vemos a sombra do homem a cair. É como se víssemos vários homens a cair, sombra atrás de sombra. Nunca há escuro completo. Até ao final do espectáculo, durante as mudanças de cena e as projecções dos vídeos, os dois actores estão sempre à vista do público.

Vestem-se, bebem água, descansam, respiram ou vêem as imagens projectadas. Reflectem na sua criação, durante a sua criação. Em relação ao universo sonoro, o vídeo “Receita” é acompanhado por um trecho de “The Real Slim Shady (Instrumental)”, de Eminem; uma base rítmica sobre a qual o texto é dito-cantado, num estilo *raper/ hip-hop*. O vídeo “Jogos de vídeo” tem como fundo a música “Funny Little Bunnies - Silly Symphony”, que Frank Churchill compôs para um desenho animado da Walt Disney. Sublinha-se assim o carácter irónico do texto. Durante a cena 11 (Queda 3), as personagens cantam “Non più andrai”, de Mozart, um pouco das memórias íntimas dos actores a infiltrarem-se no drama. O vídeo final é todo ele composto sobre o tema musical “Back to Black”, de Amy Winehouse, um tema escolhido tanto pela sua envolvência emocional como pela vertigem a que nos transporta. E como fio condutor da viagem sonora, há o som de um metrónomo que volta e meia se faz ouvir, em mudanças de cena ou durante certas passagens, como a lembrar-nos do tempo, essa dimensão, também ela repetitiva, espiral, omnipresente. De repente, o som do metrónomo pára abruptamente, como se o tempo cristalizasse, para ouvir e lembrar: “Há por todo o lado palavras de um sangue indiferente”.<sup>(27)</sup>

Os elementos cénicos e técnicos pretendem sublinhar esta opção da construção de um objecto artístico disponível, com momentos fugazes de humor e ironia, aberto à reflexão e deixando para o tempo da memória pistas para novas leituras.

---

27. Cena 1, “Abertura”, pág. 2 e cena 9, “Contextos 2”, pág. 18 do guião anotado.

## A temática do projecto desenvolvida

### O lugar do medo

As sociedades ocidentais vivem hoje sob o fantasma constante da violência do terrorismo. É uma ameaça que tem tanto de real e concreto quanto de virtual e imaginário. Os ataques são reais, como o são os rostos das vítimas. Podemos visitar o passeio de Nice ou a sala do Bataclan. Conhecemos os nomes dos que pereceram. Fazemos um minuto de silêncio enquanto o mundo relembra os mortos. Lemos ou ouvimos comentadores que, munidos das mais actualizadas informações e estatísticas, nos dizem os quando, como e porquê de tais actos, tudo devidamente contextualizado, histórica, social, geográfica e psicologicamente. No entanto, as respostas não parecem completamente convincentes. Os argumentos não seguem a lógica a que estamos habituados. Não sabemos quando vai acontecer o próximo ataque, nem onde ou quem o vai cometer e sobretudo não fazemos ideia do porquê. O medo tomou lugar nas nossas vidas, está sempre presente, nas torradas do pequeno-almoço, na viagem de metro para o emprego, à entrada do supermercado, na festa de aniversário. Já não é apenas o medo de um Bin Laden escondido algures, é o medo de terroristas que não sabemos sequer se existem. Há em tudo isto qualquer coisa de universo ficcional, de realidade virtual, de videojogo. Os meios de comunicação mostram-nos um homem de cara tapada a assumir orgulhosamente actos que resultaram na morte de centenas de seres humanos, supostamente em nome de uma crença, de um deus de cara tapada. Lemos nas notícias que o autoproclamado Estado Islâmico ocupou mais uma cidade. Sabemos que é uma cidade real. Podemos vê-la no *Google maps* através de imagens de satélite. Vemos nos seus vídeos de propaganda combatentes ocupantes a distribuir rebuçados pela



população, a mesma população que vemos, no dia seguinte, ser literalmente decapitada. Os jovens que viajam do ocidente para se juntar às fileiras desses grupos, deixaram famílias reais, para fazerem viagens reais. Quando questionados da razão porque o fizeram, recitam tiradas decoradas de um antigo manual de libertação de povos. Até o próprio sangue das vítimas, que vemos manchar a areia, parece falso, como num mau filme de série B. Tudo cronometricamente apresentado entre um novo caso de corrupção política e o desporto nacional.

Tom Friedman, num artigo que escreveu, utiliza um excerto do diálogo do filme *The Dark Knight*, onde o personagem Alfred diz a Bruce Wayne, Batman, a propósito da personagem Joker: “Algumas pessoas não procuram nada de lógico, como dinheiro. Essas pessoas não podem ser compradas, intimidadas, chamadas à razão, nem se consegue negociar com elas. Algumas pessoas querem apenas ver o mundo a arder.”<sup>(28)</sup> Friedman defende que os membros de grupos como o ISIS ou o Boko Haram se inserem mais ou menos nesta categoria. “São jovens que nos dizem de todas as maneiras possíveis que as nossas regras já não se aplicam. Não lhes podemos chegar com a razão porque o racionalismo nunca os moveu. A sua barbárie vem de um lugar escuro, onde o Islão radical dá uma sensação de comunidade aos humilhados, aos jovens à deriva, que nunca tiveram um trabalho ou uma namorada. É uma mistura tóxica.”<sup>(29)</sup>

### Nós e Eles

Sempre existiram ao longo da história grupos e movimentos que, para fazer valer os seus pontos de vista e atingir os seus objectivos, usam a ameaça, as armas e a violência, dentro ou fora dos seus próprios países.

---

28. Tom Friedman, “ISIS, Boko Haram and Batman”.

29 - Ibidem.

Por agirem em tempos convencionais de paz e na clandestinidade, são apelidados de grupos terroristas. Cada um deles tem a sua agenda social e política, os seus objectivos, os seus alvos e o seu *modus operandi*. Geralmente as populações civis, se bem que podendo ser baixas colaterais aceitáveis, não eram alvos prioritários. O 11 de Setembro de 2001 e os ataques direccionados às torres gémeas de Nova York vieram alterar esta realidade e criar um novo paradigma da violência e da ameaça terrorista no ocidente e no mundo. Se até então havia o “nós”, o “eles” e “o resto da população”, agora existe apenas o “nós” e o “eles”, sendo que “eles” são todos os que não fazem parte desse grupo restrito. Neste aspecto não se trata de um confronto étnico nem religioso. O alvo é claro: tudo e todos os que não pertencem ao ISIS. Mesmo sendo iraquiano ou sírio, mesmo sendo muçulmano, mesmo se o seu único “pecado” é a ignorância, pode ser considerado um alvo legítimo. Refugiam-se, como sempre, em interpretações do seu livro sagrado, para legitimar os seus actos. “Aqueles que vivem num lugar onde não há honra, que são forçados a viver na humilhação, subjugados pelos infiéis, os anjos irão perguntar-lhes: - Como vivem vocês? – Eles respondem: - Vivemos oprimidos. Os anjos dizem: - A terra de Allah não tem espaço suficiente para vós? Porque não ides para lá? Para vós, o refúgio é o inferno e satanás estará à vossa espera.”<sup>(30)</sup>

O campo de batalha também se alterou. Já não se trata de atacar alvos militares, esquadras da polícia ou gabinetes ministeriais. Qualquer praça pública, qualquer parque infantil, qualquer comemoração serve. Quanto mais visibilidade tiver, melhor. Depois há a questão dos terroristas em si. A ameaça pode vir de qualquer lado, pode vestir o que seja. Muitas vezes só depois do ataque consumado é que se descobrem filiações e simpatias, por vezes ténues e indirectas.

---

30. Alcorão, 5ª surata, versículo 97.

É nesse ponto que a ameaça se torna cada vez mais virtual. Por não se saber quem vai fazer o próximo atentado, o medo instala-se. Flutuamos em águas desconhecidas e nada causa mais medo do que aquilo que se desconhece. Nas palavras de Filipe Pathe Duarte, porta-voz do Observatório Português de Segurança, Criminalidade e Terrorismo, “A própria essência do conflito armado também está a ser alterada. Há uma espécie de higienização do conflito. Evita-se ao máximo o contacto físico com inimigo. A guerra ocidental está a perder o rosto. Através de um *joystick* posso bombardear um campo de treino de terroristas no Iémen com dois mísseis *hellfire* lançados por *drones* e a seguir jantar com a família no conforto da casa. Esta condição, embora segura, pode ser pernicioso. O soldado faz a guerra num simulacro da própria guerra. Tal como os cigarros *light*, os cafés descafeinados ou os doces sem açúcar, as guerras higiénicas ou pós-humanas descansam-nos física e moralmente. Mas têm um lado perverso. A sua aparente inofensividade leva a que as prescrevamos mais amiúde. E, ao mesmo tempo, convencemo-nos que a versão original já não existe, espantando-nos quando alguém nos afronta com ela. Para nós a natureza da guerra está a ser alterada. Para outros não. Continua heróica, violenta e expressiva – tem suicidas e mártires. Às vezes, esquecemo-nos disso e é também este desfasamento que permite atentados terroristas na Europa.”<sup>(31)</sup>

Os recrutados que vieram do ocidente

A virtualidade deste fenómeno é também bem visível no recrutamento de novos membros, principalmente no ocidente. Nunca até agora houve um grupo desta natureza com tantos voluntários estrangeiros e sobretudo ocidentais. Quem são estas pessoas e o que procuram?

---

31. Felipe Pathé Duarte, “O DAESH digital”.

Esta é uma questão que tem vindo a ser debatida e levada muito a sério por vários organismos de estudo sociológico e de defesa nacional em todo o mundo. Desde a criação do autoproclamado califado do Estado Islâmico, em Junho de 2014, a estratégia de recrutamento do grupo evoluiu, quantitativa e qualitativamente. Se no início do seu programa os efectivos do grupo eram procurados, sobretudo, entre guerrilheiros tribais sunitas, descendentes de grupos como a “Al-Qaeda” e a libertação de prisioneiros na tomada de cadeias, no Iraque e na Síria, o perfil dos recrutados internacionalizou-se consideravelmente. Se grande parte dos actuais efectivos do grupo são muçulmanos oriundos das ex-repúblicas soviéticas, como o Cazaquistão ou o Tajiquistão, dados de 2015 do departamento de estado dos EUA apontam para cerca de 20 a 30 mil novos recrutas, vindos de cerca de 90 países. Entre estes, contam-se cerca de 4000 ocidentais, com a França a encabeçar os países exportadores, seguida do Reino Unido e da Bélgica. Só em Fevereiro de 2015 o número de recrutas que entraram na Síria excedeu o número dos que foram para o Afeganistão, Paquistão, Iraque, Iémen e Somália, em qualquer momento dos últimos 20 anos. Cerca de 10% são mulheres. <sup>(32)</sup> Há razões geográficas particulares que ajudam a compreender porque tantos jovens estrangeiros procuram o ISIS: fracturas sociais profundas na Jordânia, descontentamento geral político no Iraque e no Afeganistão, ou frustrações pós-primavera árabe na Tunísia, Egipto, Líbia, etc. A razão por que tantos jovens ocidentais abandonam o seu país, as suas famílias, amigos e tudo o que conhecem, para se juntarem a um grupo como este, poderá ser mais complexa. É preciso procurar fora das formatações teóricas, sociológicas e políticas habituais. Se grande parte dos que viajam para a Síria ao encontro do ISIS são de 2ª ou 3ª geração do médio-oriente, que viviam em comunidades de maioria muçulmana

---

32. Jamie Crawford e Laura Koran, “U.S. officials: Foreigners flock to fight for ISIS”.

fortemente segregadas, nas periferias de grandes cidades como Londres ou Paris, os recrutas do grupo não se limitam a esse estereótipo. Muitos são jovens com estudos de nível médio ou alto, esmagados por um persistente vazio de valores, com necessidade de darem algum sentido transcendente às suas vidas, com uma profunda crise de identidade, decepcionados com as suas vidas mundanas no ocidente, com um sentimento de inconformidade e incompreensão por parte dos que os rodeiam, em busca de um verdadeiro grupo de pertença. Num *post* que tem corrido as redes sociais desde 2015, Aqsa Mahmood, uma jovem com então 21 anos, apela às outras jovens para se juntarem ao autoproclamado Estado Islâmico nestes termos: “Nós, aqui, não pagamos renda; as casas são oferecidas. Não pagamos luz nem água. Dão-nos mercearias todos os meses. As recém-casadas recebem uma prenda de 600 dólares. Não temos fogo-de-artifício mas celebramos casamentos com muitos tiros e gritos de ‘Alá é grande’”.<sup>(33)</sup> Noutra sua publicação citada pela CNN, continua: “Não se preocupem: vão encontrar aqui sabonetes, champôs e outras necessidades. Não vão levar aqui a vida de uma mulher das cavernas.”<sup>(34)</sup> Aqsa nasceu em Glasgow, Escócia, Reino Unido e com 19 anos decidiu viajar para a Síria para se juntar ao ISIS. Desde então é uma das mais profícuas recrutadoras de jovens adolescentes para o grupo. Ângela, que viajou para a Síria para casar com um combatente que nunca tinha visto antes, diz que não se arrepende: “Agora (depois de casar) já posso sair e ir às compras”.<sup>(35)</sup> Samra Kesinovic e Sabina Slimovic, ambas com 15 anos, recrutadas em Viena, foram para a Síria para, nas suas palavras, “servir Deus e morrer por Ele”.<sup>(36)</sup>

---

33. Mohamad Ali Harissi, AFP. “ISIS is trying to lure recruits from the West with promises of love and jobs”.

34 - Gonçalo Correia, “O Estado Islâmico e a Internet: onde e como eles recrutam”.

35 – Ibidem.

36. Gonçalo Correia, “O Estado Islâmico e a Internet: onde e como eles recrutam”.

O português Fábio Poças, de 23 anos, que se juntou ao ISIS a partir do Reino Unido, diz que o que mais gosta de fazer é treinar e matar. Uma jovem francesa, que nunca tivera qualquer contacto concreto com a religião, que não sabia falar árabe, partiu um dia para a Síria. A primeira mensagem que enviou ao irmão foi: “Isto é como a Disneylândia”, um sítio com que ela sempre sonhara.<sup>(37)</sup>

Há muitas histórias de desgostos de amor, frustração, falta de reconhecimento e os mais variados pretextos. O ISIS parece ser mais uma extensão das jornadas pessoais de cada um. Ao contrário dos métodos de recrutamento usados por grupos extremistas mais tradicionais, que surgia como a conclusão de um processo de pedagogia e conversão, normalmente realizado em grupos, em mesquitas ou centros de estudos islâmicos, a estratégia do ISIS é mais personalizada e orientada para atingir cada um dos recrutas através dos seus sonhos, expectativas, medos e receios mais íntimos. Há ainda o apelo irresistível da promessa de construção de um novo estado, um país real, uma criação à sua imagem. Uma opinião partilhada por vários ex-combatentes do grupo, naturais sobretudo da Síria e Iraque, é a de que muitos dos jovens ocidentais que se juntam ao ISIS, levam consigo uma atitude que eles chamam de colonialista. Acham-se mais puros e superiores, talvez por terem sido recentemente convertidos e estarem ainda na fase de encontro com a sua própria ilusão. O próprio ISIS não tem problemas em alimentar estas versões ocidentais do oriente, com “visões Xerazade” de noivas prometidas, ou virgens à espera dos seus heróis mártires, desde que isso lhe traga proveitos, nomeadamente em combatentes voluntariosos e potenciais suicidas.

---

37. Hazem Al-Amin, “Sociological Challenges to Understanding Daesh and Its Incubators”.

O apelo é, simultaneamente, vago e concreto. Há uma forte promessa de autoconhecimento, a promessa de encontrar, finalmente, uma coisa maior e superior em que acreditar, que alimenta um desejo de missão no encontro com um grupo de pertença, de compreensão e reconhecimento entre irmãos. Mas o apelo é feito por alguém que não está, realmente, lá. É apenas uma voz, um rosto coberto, uma presença, como se mais do que isso pudesse fazer desvanecer a ilusão.

### O caos e a unidade

A oferta do ISIS vai desde a criação e manutenção de um novo califado sob as leis do profeta, à tomada de Roma e Paris, seguindo-se a reconquista do Al-Andaluz e mais tarde da casa branca e da torre Eiffel, consumada num mundo convertido à sua imagem (tudo isto com a permissão de Alá). Sente-se em todo esse discurso, para além de um evidente apelo à violência, uma espécie de alucinação, uma para-realidade de videojogo. Contudo, este caos é aparente. Não é o caos que os jovens ocidentais procuram quando ingressam na sua fatídica viagem, antes pelo contrário. Procuram a unidade. Viveram num mundo onde as regras são fluidas, opacas, onde podem ser alteradas e contornadas. Vêem isso a toda a hora, como os casos de políticos que saem impunes de crimes por questões e malabarismos processuais. A adopção de um conjunto de regras e leis que se apresentam como simples, ancestrais e irrefutáveis, que dão todas as respostas, parece ser irrecusável. Uma das atracções deste tipo de islamismo para os jovens ocidentais é o facto de o profeta, através do seu livro, delinear tudo o que eles precisam, quando precisam e como precisam, das orações obrigatórias à dieta e ao modo como devem falar, comer e vestir. Aparentemente, o facto de isto se poder opor ao seu próprio livre arbítrio não os parece demover, o que faz crer que existe uma grande dose de baixa estima nesses jovens.

Eric Hoffer escreveu em 1951 a obra *The True Believer*, onde reflecte sobre o aparecimento dos movimentos de massas. Segundo ele, o movimento de massas bem sucedido defende que a causa da frustração está fora de si, e a única maneira de alterar essa sensação pessoal é transformando o mundo de alguma forma radical. Para alimentar esta atitude altruísta é preciso, antes de mais, denigrir o presente. A sua doutrina celebra um passado glorioso e descreve um futuro utópico, mas o presente é apenas um poço sem inspiração. O futuro dourado começa a parecer mais vívido e real do que o presente e desta forma, o verdadeiro crente começa a dissociar-se dos factos do dia-a-dia da sua vida: a sua casa, a sua cidade e até mesmo os seus filhos. O auto-sacrifício é um acto irracional, pelo que os movimentos de massas fazem com que os seus seguidores acreditem que a verdade suprema existe em outro reino e não pode ser derivada da experiência vivida e da observação directa. Estes movimentos apagam o individuo. Tudo o que é único é criticado, proibido ou diminuído. A identidade do indivíduo é definida pela identidade colectiva do grupo e fortificada por um ódio cultivado por outros grupos. Há uma grande dose de auto-renúncia. Ironicamente, o assombro do verdadeiro crente no seu próprio altruísmo pode levar à arrogância e à crueldade implacável. Também pode ser viciante. Se o verdadeiro crente se permitir perder a fé na sua crença, então todo o seu sofrimento terá sido em vão. Estes movimentos são geradores de ódio. Mas, em última análise, argumenta Hoffer, eles são conduzidos por uma esperança selvagem. Eles acreditam que um futuro perfeito pode ser realizado se destruírem o presente. O glorioso fim dos tempos está ao virar da esquina. Este tipo de pensamento é fantástico. Na prática dos movimentos de massas, o faz-de-conta desempenha, talvez, um papel mais duradouro do que qualquer outro factor. Os fanáticos representam actos de uma violência teatral, conscientes da sua audiência. Eles vestem-se com uniformes militares e alugam misteriosos *SUVs* pretos. Disparar sobre um bando de inocentes desarmados não podia ser mais patético, mas eles



fazem-no com toda a dramaturgia teatral de um filme de acção de Hollywood. O que mudou realmente nos últimos 60 anos é que já não é preciso juntar-se a um movimento de massas. Pode segui-lo *on-line* e participar remotamente. <sup>(38)</sup>. Ao aderir a um grupo como o ISIS, o recruta, sobretudo o recruta ocidental, acredita que vai encontrar o que não tem na sua sociedade: um conjunto de leis e regras onnipotentes, que o farão um igual, que darão um sentido à sua existência, por muito virtual que seja. O novo Homem, num novo país. A terra prometida. A DISNEYLANDIA.

#### Ferramentas de comunicação e propaganda

As novas tecnologias de informação através, sobretudo, das redes sociais, veio permitir alargar o espaço de conversação e recrutamento. Já não é só nas mesquitas e nos centros islâmicos que os imãs, através dos seus sermões, catequisam e conquistam novos simpatizantes. A organização utiliza uma grande variedade de aplicações e redes sociais para promover a sua causa, incluindo o Facebook, o Instagram, o Tumbler, o Ask.fm e principalmente o Twitter. Todos os dias aparecem cerca de 90 mil novos *tweets* de propaganda, 45 mil contas no twitter, de membros do grupo, 200 mil publicações partilhadas, além de outros canais e aplicações, vídeos, jogos e desenhos animados. Criou-se mesmo uma nova nomenclatura, palavras como “mujatweets”, referindo-se aos *tweets* trocados por membros e seguidores do grupo. Qualquer um é um recrutador e o sermão deu lugar aos *posts* e aos fóruns de discussão na internet. Nunca nenhum grupo terrorista utilizou as novas ferramentas de comunicação como o ISIS. É do ciberespaço que parte a agressiva estratégia de comunicação do grupo que tem um departamento especializado na divulgação e recrutamento, o “Al Haiyat Media Center”.

---

38. David Brooks, “How ISIS Makes Radicals”.

Tem ainda a revista “Dabiq”, uma revista mensal *on-line* traduzida em inglês, a “Fundação Média Al-Khilafa” e a “Zora Foundation”, destinada unicamente às mulheres muçulmanas. “Existem muitas casas e recursos para te receber, a ti e à tua família. Vem ter connosco. Vais gostar”. São frases que se repetem nas suas páginas e mensagens. O centro “Al Haiyat” tem um exército de trabalhadores, muitos deles ocidentais. É um dos departamentos com melhores meios, maiores ordenados e melhores carros., tudo para a promoção do islamismo radical.

#### A nossa percepção

A nossa percepção é geralmente minada pelos sentidos e também pela história, pela educação e pela moral. É mais fácil acreditar que o perigo vem do outro lado do mar, em barcos ou bóias, do que assumir que se encontra em nós próprios, no seio do nosso próprio grupo, nos nossos filhos que, desacreditados do mundo que lhes foi deixado, se convertem numa espécie de revolta adolescente. Acreditamos que se podem fechar fronteiras, erguer muros, parar fluxos migratórios. Mas nesta nova realidade, o inimigo fala a nossa língua, vive no nosso bairro e leva os filhos ao mesmo parque e à mesma escola onde levamos os nossos. Caim volta a matar o irmão e Édipo volta a matar o pai. Para um ocidental, ingressar nas fileiras do ISIS é uma oportunidade única para ser, realmente, o Outro. Não é apenas um acto de rebeldia, procura de autoconhecimento, ou transcendência para-religiosa, mas, principalmente e ultimamente, incorporar o Outro. Procuram o que não têm, o que não conhecem. Procuram o que desejam, do modo como o imaginam, o lótus oriental num fresco pintado nos seus sonhos.

Sir Evelyn Baring, conde de Cromer; foi cônsul geral do Egípto, de 1877 a 1880 e novamente a partir de 1883 durante as duas décadas seguintes. Em 1908 escreveu a obra *Egípto Moderno*, fruto do conhecimento que adquiriu nesse país. A certa altura escreve: “A mente do oriental abomina a precisão. Carência de precisão, que facilmente degenera em insinceridade, é na verdade a principal característica da mente oriental. O europeu é um raciocinador conciso, é um lógico natural, mesmo que não tenha estudado lógica. A mente do oriental, por outro lado, assim como as suas pitorescas ruas, é eminentemente carente de simetria. Embora os antigos árabes tenham adquirido num grau um tanto mais alto a ciência da dialética, os seus descendentes são singularmente deficientes de faculdades lógicas.”<sup>(39)</sup> Se nos séculos XVIII e XIX os orientais eram distinguidos pela sua fraca moral e costumes, no século XX o quadro fica mais completo e de certa forma simplificado, agora supostamente fundamentado pela voz da ciência. Henry Kissinger, antigo conselheiro de segurança nacional e secretário de estado dos EUA, aborda a questão desta forma: “Nós tivemos Newton, eles não.”<sup>(40)</sup> Novamente “nós” e “eles”. A prova derradeira é apresentada através dos irrefutáveis dogmas da ciência. Se os ocidentais, a certa altura, descobriram as leis da gravidade e pelo contrário os orientais não o fizeram, isso por si só valida a autoridade do ocidente para ocupar o oriente e governa-lo segundo as suas próprias regras e interesses. Esta linha de pensamento de Cromer avança com um corolário, para ele absolutamente demonstrado, segundo o qual, o oriental inteligente e informado é aquele que compreende que o melhor, para si e para o seu país, é serem governados pelo ocidente. Para o conde de Cromer e os seguidores da sua linha de pensamento, a fraqueza moral do oriental é uma característica intrínseca à sua “raça”.

---

39. Evelyn Baring, *Modern Egypt*, pág. 146.

40 - Henry A. Kissinger, *American foreign policy* (Nova York, W. W. Norton & ce., 1974), pp\_48-9, citado por Edward Said em *Orientalismo*, pág. 57.

A mesma dualidade aplica-se na visão do ISIS. O bom muçulmano não é aquele que é piedoso e pratica boas acções; antes, ele é piedoso e as suas acções são sempre, necessariamente, boas e justas, porque ele é um bom muçulmano. Isto é muito claro na entrevista que Rukmini Callimachi faz a uma menina de 12 anos, da minoria religiosa yazidi, que foi violada às mãos de um combatente do Estado Islâmico: “Momentos antes de me violar, ele parou para explicar por que o que estava prestes a fazer não era um pecado. Como eu praticava uma religião diferente do Islão, o Alcorão não apenas lhe dava o direito de me violar, como o perdoava e encorajava. Ele atou-me as mãos e amordaçou-me. Então ajoelhou-se ao lado da cama e prostrou-se em oração antes de me possuir. Quando terminou, ajoelhou-se de novo em oração, concluindo o estupro com actos de devoção religiosa. Ele disse-me que, segundo o Islão, ele pode estuprar uma infiel. Ele disse que ao violar-me, estava a aproximar-se de Deus.”<sup>(41)</sup> A religião aparece quase como um pretexto. Roubo, extorsão, amputações e degolações, violações, escravatura, sexual e laboral e venda de mulheres de outros credos em leilões públicos, são actos, não só perfeitamente consagrados nos princípios centrais do grupo, como legitimados, por serem “bons muçulmanos” e estarem a fazer o “trabalho de Deus”. Para o ISIS, a única hipótese que os ocidentais têm de não serem aniquilados é a conversão ao islamismo. A negação a esta directiva representa apenas a morte, normalmente por decapitação. O ocidente, na sua colonização do oriente, acabou por “decapita-lo”, tanto culturalmente como na sua possibilidade de evoluir pela sua própria vontade. Para o ISIS não basta matar o infiel, é preciso decapita-lo.

---

41. Rukmini Callimachi, “ISIS Enshrines a Theology of Rape”.

A decapitação parece ser o método preferencial, sobretudo para consumo externo, com tudo o que tem de espectáculo, visual e emocional. Além de inspirar o medo e um terror capaz de imobilizar até o pensamento, a decapitação é uma forte representação. A separação do corpo em várias partes, principalmente a cabeça, traduz a anulação última da identidade. O paradigma não é novo; é como se o ISIS pusesse um espelho na frente do ocidente, que reflecte toda uma gloriosa história de cruzadas, escravatura, prepotência e colonialismo. Uma das peças de propaganda do ISIS que maior notoriedade alcançou é o filme *Flames of War*, onde vemos um jovem guerrilheiro com o cabelo desgrenhado e rosto de Hollywood e um jornalista ocidental, sequestrado e obrigado a usar as suas aptidões de produção TV, a informar sobre toda a loucura. Nele se cruzam imagens de Mossul, onde mulheres da minoria Iazidi são vendidas num leilão público, um grande plano de um soldado executado caído, com a legenda “Adeus cão imundo”, ou uma cena em que soldados capturados cavam as suas próprias sepulturas, enquanto exorcizam a sua má sorte e sugerem que “É como se Alá tivesse abençoado o ISIS”. O filme, por um lado, inspira medo aos seus inimigos e por outro, pinta a imagem de uma força militar formidável, capaz de atrair novos recrutas para o que acreditam ser uma organização disciplinada, efectiva e bem paga, com uma missão clara e bem suportada. O realizador incorpora, com sucesso, o abstracto de todas estas implosões universais. As cenas são estudadas e repetidas em vários takes. São cenas que não podem ser explicadas apenas com o conhecimento humano moderno.<sup>(42)</sup> O ISIS publicou um livro, já traduzido em Inglês, que explica como os seus seguidores se devem vestir e agir nos países ocidentais para passarem despercebidos: *Directrizes de segurança e protecção para os lobos solitários e células pequenas*.

---

42. *Flames of War*, vídeo difundido pelo ISIS em 2014.

Nele há conselhos práticos como cortar a barba, vestir à ocidental, não ir muito à mesquita, não vestir roupa demasiado nova, ou que tipos de perfumes são mais adequados. <sup>(43)</sup> É por isto que muitos consideram o ISIS mais uma charada que uma coisa real, uma espécie de ISIS-ficção. É um novo paradigma que deve ser visto de um modo transversal, á luz de outros ramos da ciência como a medicina, a informação tecnológica, a geografia ou a genética. A Al Qaeda não tem, ao contrário do ISIS, um território. Além disso, ou por isso, a Al Qaeda publicita os seus ataques como respostas ou vinganças por actos definidos, como a invasão do Iraque, ou o genocídio de muçulmanos inocentes em Fallujah. O ISIS estende este campo de resposta. A sua vingança é contra a História. Os inimigos não são apenas os soldados americanos, são os cruzados. O campo de batalha não é uma cidade do Iraque ou do Afeganistão, é o mundo inteiro. O autor e jornalista Hazem Al Amin reflecte: “O ISIS é, simultaneamente, o prólogo e o epílogo do fim das sociedades” <sup>(44)</sup>.

Edward Said questionava já em 1978, de uma forma assustadoramente profética:

“Será que podemos dividir a realidade humana, como ela parece estar dividida, em culturas, história, tradições, sociedades e até em raças claramente diferentes, e sobreviver humanamente às consequências? Haverá algum modo de evitar a hostilidade expressada pela divisão dos homens em, digamos “Nós” (ocidentais) e “Eles” (orientais)?” <sup>(45)</sup>

---

43 - Abu Ubayda Abdullah Al-Adm, *Safety and security guidelines for lone wolf Mujahideen and small cells*.

44 - Hazem Al-Amin, “Sociological Challenges to Understanding Daesh and Its Incubators.”

45. Edward W. Said, *Orientalismo*, pág. 56.

## História de medos

O poder dos neoconservadores na América baseia-se, em grande parte, na ideia profundamente enraizada na mente americana de que o seu país tem o destino superior de liderar a batalha do bem contra o mal, nos planos moral, político e militar. Nesta ideia, o mal tem que ter um rosto real. Já foi o rosto da Inglaterra, o rosto do catolicismo, da máfia e durante grande parte do século XX, o rosto do comunismo e da União Soviética. Com o fim desta última a América teve que encontrar novos inimigos. Durante grande parte dos anos 80 do século XX a América concentrou grandes recursos na criação de uma realidade onde a URSS era de facto mais forte do que era, tal como o médio oriente e a América latina. Histórias criadas para distrair as atenções do homem comum, tal como a manutenção contínua de factos retorcidos e a manipulação de notícias. A realidade deixou de ser o mais importante, transformando-se num instrumento de um jogo, para atingir determinados objectivos. Com a implosão da URSS a apanhar todos de surpresa, este paradigma teve de ser redefinido. Em finais dos anos 70, início dos anos 80 do século XX, desenvolvem-se os grandes movimentos fundamentalistas islâmicos, no Irão e no Egipto, consequência de profundas fracturas nessas sociedades. Nos Estados Unidos da América, surgem os movimentos neoconservadores cristãos, sobretudo com a presidência de Ronald Reagan. O início do século XXI encontrou o rosto do mal no radicalismo islâmico e implicitamente, se bem que não abertamente, no Islão em geral. Depois de destruídos os taliban no Afeganistão, ficou o rosto do Islão extremista e da sua *jihad*, ideia que depressa se multiplicou e inspirou vários combatentes e grupos por todo o mundo.

A América sente-se desconfortável e de certa forma perdida sem um inimigo objectivo. Além de haver interesses materiais muito fortes na manutenção de conflitos,

sejam o negócio do armamento e da segurança, a manutenção do acesso a petróleo barato, a própria manutenção de umas forças armadas fortes, criou-se esse paradigma de existência em que a América é invejada por todos e por isso um alvo. Tudo é lícito para defender a América, o sonho americano e o seu estilo de vida. Criou-se e difundiu-se a ideia de que há organizações terroristas cujo único objectivo é destruir a América, mais ainda que Israel ou o mundo ocidental em geral. Conquistar para sobreviver. A propaganda criou o mito de um inimigo necessário. O medo tornou-se um elemento essencial para a união da nação. A batalha do bem contra o mal tornou-se um *slogan* às ordens de agendas políticas. O idealismo tradicional dos jovens, dos estudantes em particular, é aproveitado e manipulado em favor de grandes e obscuros interesses. Por outro lado, na lógica jihadista, os governos dos países árabes são coniventes com o ocidente, são corruptos e negam o Corão sagrado. Por essas razões, não são verdadeiros crentes e logo devem ser destruídos. Na Argélia esta lógica foi levada a um extremo nos anos 90 do século XX, com ataques generalizados e indiscriminados às populações, ao turismo, economia, justiça e a todas as instituições em geral. Tal como a América acredita ser seu destino a liderança do bem contra o mal, para os líderes fundamentalistas islâmicos o seu caminho é reerguer a palavra do seu profeta, substituindo-se, na imagética revolucionária, à luta contra a opressão do homem pelo homem, para a igualdade de todos.

### Teatralidade

Muita da força do ISIS, como a sua capacidade de recrutar, sobretudo jovens ocidentais, reside na teatralidade da sua comunicação. Desde o início do seu projecto que se percebe uma preocupação no modo como fazem chegar a sua mensagem. Tudo o



que é dito e mostrado segue um cuidadoso guião, uma encenação cada vez mais aprimorada. Desde logo na imagem que criou de si mesmo, com a bandeira negra, a cara tapada com passa montanha, as fardas camufladas, transmitindo força e grandeza. A bandeira negra é um dos símbolos mais imponentes do grupo. A “Rayat al-Uqab”, a bandeira usada por Maomé, anuncia o regresso do mahdi, o profeta. A imagem da criança com a sua pistola e o seu relógio, gritando “serei mujahedin, inch Allá” é outra imagem incontornável. Crianças bonitas e actos heróicos; *marketing* simples, preciso e funcional, na criação de uma imagética poderosa e atractiva. No outro lado, estão os prisioneiros vestidos de laranja, uma associação imediata às imagens da prisão americana de Guantanamo, como a dizer que a violência não foi pelo ISIS começada, mas é, antes, uma resposta. O muçulmano é a vítima e como o ISIS é o muçulmano, o ISIS é a vítima. A utilização dos melhores meios técnicos e os cuidados na realização dos vídeos, reflecte também a importância que tem este meio de comunicar. O estilo não é propriamente original. Encontramos nos vídeos difundidos pelo ISIS referências estéticas aos vídeos de propaganda do exército americano e de outros exércitos ocidentais, aos filmes de Leni Riefenstahl para a propaganda nazi, ou ao universo dos videojogos. A composição do discurso, a grande edição de vídeo e efeitos especiais, cenas de batalha pormenorizadamente encenadas e repetidas até à perfeição, atenção aos detalhes, ao *timing*, à sincronização, com pontos de vista da câmara cuidadosamente escolhidos e cânticos de melodias hipnóticas, tudo isso procura a construção de mitos de grandeza, justiça e honra. “A luta está apenas no início” é uma frase que se repete várias vezes ao longo do filme *Flames of War*, onde podemos ver imagens de batalhas acompanhadas de cânticos e excertos do Corão em árabe com legendas em inglês e um narrador que fala num inglês com sotaque americano, legendado em árabe, a exacerbar Alá e os seus seguidores. Um soldado de pé em cima de um tanque de guerra ergue alto a bandeira negra do ISIS, com o pôr-do-sol por trás. Os elementos do grupo são sempre

identificados como crentes, irmãos ou mártires; são apresentados como corajosos, dignos e fiéis, que só aceitam a vitória ou o martírio. Por outro lado, o inimigo é identificado com a América, com Assam, com o Irão, com os sionistas (Abrahams) e com os sefarditas. São constantemente humilhados, vistos como cães, sujos, cobardes, indignos de misericórdia. Ao longo do filme ouvem-se frases como: “Os soldados do ISIS são altamente disciplinados, pacientes, corajosos e sem medo”, “As chamas de guerra avançam, vorazes, frente às fronteiras colonialistas da Síria e do Iraque” munidos de “um livro que guia e uma espada que ajuda”. Apresentam-se como libertadores de estados secularmente dirigidos por assassinos, instrumentos do regresso da lei de Alá no mundo. Imagens de um califado instituído, com máquinas de lavoura a trabalhar os campos, sacos de cereais bem empilhados, rostos felizes (rostos de homens felizes), seguidas de imagens de dezenas de supostos adversários prostrados no chão, moribundos, alvejados a tiro de metralhadora. Chegamos às cenas que recriam a tomada da base da 17ª divisão do exército de Bashan. Os prisioneiros cavam uma grande vala comum. Um deles fala para a câmara; diz que 20 ou 30 soldados do ISIS venceram 800 soldados do exército Sírio; diz que foram abandonados pelos oficiais, abandonados pelo presidente Assam; instiga as famílias a não deixarem os seus filhos ingressarem no exército, a convencê-los a unirem-se ao ISIS, acabando com uma reflexão: “É como se o ISIS tivesse sido abençoado por Deus”. No final são executados e tombam na vala comum que momentos antes abriram. É uma espécie de reinvenção dos mitos da imagética ocidental. Os 300 contra Tebas. A difusão de execuções públicas é, também, uma fórmula de grande carácter simbólico. A decapitação e a crucificação enviam-nos de imediato para um universo cristão, para as histórias do antigo testamento, cheias de heróis e de mártires que o ocidente santificou. As execuções de reféns ocidentais são qualitativamente diferentes das outras. Os meios de comunicação ocidentais apropriam-se destas ferramentas de propaganda de um modo imediato, difundindo-as

repetidamente. Por alguma razão os vídeos dessas execuções difundidos pelo ISIS são, geralmente, protagonizados por uma figura como o conhecido jihadi John, num inglês perfeito, carregados de carga política. Pelo contrário, as execuções de prisioneiros do exército do Iraque ou da Síria são muito menos difundidos e procuram outros tipos de abordagem. Esta nova *jihad* digital alcança uma grande visibilidade, para o que em muito contribui um estilo estético em que violência é abertamente exibida, celebrada e incentivada. A gravação e divulgação de vídeos de assassinatos não são exclusivos do ISIS, mas estes desenvolveram um grau de sofisticação técnica e estética que os faz diferir consideravelmente dos outros vídeos de extremistas. O vídeo de Palmira é um paradigma desta teatralidade. Difundido em finais de Maio de 2015, é filmado no grandioso cenário das imponentes ruínas do anfiteatro romano dessa cidade da Síria, um monumento classificado como património mundial pela UNESCO. Nas bancadas, o público espera. No palco, uma enorme bandeira negra do grupo. 25 crianças de camuflado avançam de um lado; 25 prisioneiros avançam do outro. Todos se movem como personagens de uma tragédia, numa marcha coreografada, sincronizada, até ao momento em que os prisioneiros se ajoelham no chão de terra e as crianças os executam com uma bala de pistola <sup>(46)</sup>. Porquê uma violência tão crua? Um acontecimento visto através de imagens torna-se mais real. O ISIS proclama-se honesto naquilo que diz, que faz e mostra. Ao difundir imagens de barbárie de um modo tão directo, diz-nos que também todos os outros são violentos, a diferença é que o escondem, enquanto o ISIS se mostra ao mundo tal como é.

---

46. Meira Svissky, “ISIS Latest Execution Video: No Mere Gore Flick”.

## Barbáries intemporais

Passo os olhos pela obra de Amin Maalouf, *As Cruzadas vistas pelos Árabes* e depressa me esqueço do contexto histórico das cenas retratadas. Encontro esta passagem: “A cidade está incendiada e o sangue corre. Homens, mulheres e crianças tentam fugir pelas ruelas lamacentas, mas os cavaleiros os alcançam sem esforço e cortam-lhes o pescoço imediatamente. Pouco a pouco, os gritos de horror dos últimos sobreviventes se apagam, logo substituídos pelas vozes desafinadas de alguns saqueadores francos já embriagados. A fumaça sobe de muitas casas incendiadas. Ao meio-dia, um véu de luto envolve a cidade.”<sup>(47)</sup> O local é a cidade de Antioquia, na actual Turquia, a 100 Km de Aleppo, Síria. Estamos na noite de 3 de Junho de 1098. Os cavaleiros de que se fala são cruzados cristãos, na sua luta religiosa contra os hereges muçulmanos. Passaram pouco mais de 900 anos e os actores confundem-se. Volta à memória a frase de Rui Nunes, que se repete: “Há por todo o lado palavras de um sangue indiferente.”

---

47 - Amin Maalouf, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, pág. 41.

## Palavras de Rui Nunes

“A Crisálida tomou forma depois de ter feito uma viagem a Munique, a 7 de novembro de 2014. (...) A multidão passeava feliz e civilizada, em Marine Plaza. O que hoje é extremamente violento já estava latente há dois anos. A vingança era previsível perante a indiferença de uma Europa tão fria. A violência estava espalhada e entrava por todas as frases, partia todas as palavras. (...) É uma Europa regida por burocratas, que perdeu a sua própria cultura, que ergue novos muros de arame farpado que lembram outros mais antigos. (...)

Existem duas realidades: uma à altura dos olhos, aparentemente harmónica, e outra ao rés-do-chão, extremamente violenta. Um dia, esta fará explodir a outra. (...) Sente-se que a Europa é um continente à espera da explosão. A crisálida anuncia esse estado final. (...) De uma forma geral, esses valores humanos são hoje postos em causa. O humanismo europeu é uma ficção fascinante, mas intermitente. (...) De vez em quando, há afloramentos de uma violência extrema que o negam. Penso que hoje estamos a viver um desses momentos de profunda desumanização, em que o sentido do Outro desapareceu. E ao perder-se essa noção, tudo é permitido. Por isso, a culpa é generalizada. O que me perturba é que, tal como aconteceu há 75, 80 anos, está a passar de algum modo despercebido. Vê-se como isso não se reflete ainda na literatura, na arte e muito pouco na vida das pessoas. Como se se passasse muito longe e tudo continuasse a ser o que era, quando já não o é. (...)

Parece que vivemos, no plano da criação literária, de uma espécie de retórica impermeável. Contam-se histórias, histórias, porque elas pacificam. Com o seu princípio, meio e fim, dão-nos uma totalidade que na verdade está hoje a ser minada.

Inquieta-me que a escrita, enquanto expressão do humano, não reflita mais o que se está a passar. Como pode o real escapar a quem tem como função mostrá-lo? (...)

Os media virtualizam de tal forma a violência que muitas vezes a tornam consumível. É uma realidade sem cor, nem cheiro. O sangue esbatido já não agride e portanto deixamos de reagir com a mesma intensidade. E se incomodar muito a violência, mesmo virtualizada e limada, que nos entra pela casa dentro, desligamos o aparelho.”<sup>(48)</sup>

“Numa Europa cada vez mais desencantada, não basta compreender o terror, é preciso participar dele. (...)

As palavras têm uma carga de malignidade tão grande que quando se procuram fazem-no para deter poder. E ultrapassam aquilo que nós pretendemos dizer. Daí uma espécie de vigilância ou de suspeita em relação à palavra e em relação ao discurso. (...) É pela crueza da linguagem que a verdade mais simples se manifesta. E a crueza pode estar no palavrão, mas também pode estar na desarticulação sintáctica. (...) Não interessa o que a pessoa diz, é preciso é dizer. É a fala contínua. E quem não diz continuamente é suspeito. Quantas vezes se ouve: "Porque é que estás calado?" Eu não preciso de justificar-me por estar a falar, mas preciso de justificar porque estou calado. (...)

A ausência de crença, a impossibilidade que existe em mim de aderir ao ritual gera uma responsabilidade imensa em relação ao outro. Porque não há mais nada senão eu em relação ao outro e ele em relação a mim. Não há outra esperança, e isto é uma banalidade mas é uma belíssima banalidade: não há uma esperança senão no outro. (...)

---

48. “Rui Nunes - A Europa rente ao chão”. Rui Nunes entrevistado por Maria Leonor Nunes, *Jornal de Letras*, 28/04/2016

Para ler um livro, não uma coisa qualquer, é preciso tempo, e dá trabalho. O leitor tem de entrar num mundo que não conhece.(...) Penso que um dos grandes problemas foi que não se acrescentou a participação à compreensão que se faz do mundo. Não basta compreender o terror, é preciso participar dele. É preciso ter medo, não basta compreender o medo. O peso da modernidade ainda é tão forte que o acto de participação está excluído. E então constroem--se teorias e teorias, mas a essas teorias falta uma coisa que é participar. É essa dimensão biológica que falta à compreensão.”<sup>(49)</sup>

“Deus é esse nada que leva a falar. É todos os sentidos e não é sentido nenhum. Mas preenchemos essa falta com a malignidade das próprias palavras.”<sup>(50)</sup>

---

49. "Não basta compreender o terror. É preciso participar dele." Rui Nunes entrevistado por Diogo Vaz Pinto, *Jornal i*, 02/09/2013

50 - “A pátria é a viagem.” Rui Nunes entrevistado pelo caderno *Ípsilon*, do *Jornal Público*, 06/06/2012.

## Conclusão

O teatro, a performance, a arte de representar, toda a arte, tem a capacidade de chegar até nós sob várias estéticas e de nos influenciar de várias formas. Pode divertir-nos ou emocionar-nos durante alguns momentos, pode fazer-nos pensar e reflectir, pode alterar as nossas perspectivas sobre o mundo, pode fazer-nos agir, pode fazer-nos lembrar, pode fazer-nos dormir e sonhar. Continuo a acreditar no poder da arte como motor interventivo, em nós próprios e no mundo.

“Para que o mal triunfe, basta que as pessoas de bem não façam nada.”<sup>(51)</sup> É uma frase, correntemente atribuída a Edmund Burke, que ecoa na minha cabeça. Outra é uma frase de Max Aub, “Resta-nos o jogo que depende do acaso. Alguns, os felizes, nunca se cansam de jogar.”<sup>(52)</sup>

Quero ser dos felizes e continuar a jogar.

---

51. Edmund Burke, 1729 (Dublin) – 1797 (Beaconsfield). No original, “All that is necessary for the triumph of evil is that good men do nothing”, conforme *The Yale Book of Quotations* - página 116, nota 28, por Fred R. Shapiro, Joseph Epstein, colaborador Joseph Epstein. Publicado por Yale University Press, 2006. Esta citação encontra-se no *Washington Post*, 22/01/1950. Frequentemente atribuída a Burke mas nunca encontrada em seus escritos.

52 – Max Aub, *Crimes Exemplares*, prefácio, pág. 11 (México, 1956).



## Bibliografia

ALCORÃO. Traduzido por Dr. Helmi Nasr, com a colaboração da Liga Islâmica Mundial, em Makkah Nobre. Arábia Saudita: Complexo de impressão do Rei Fahd, AH 1425 (2004 do calendário gregoriano).

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. *A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

AUB, Max. *Crimes Exemplares*. Traduzido por Abel Prazer. Lisboa: Antígona, 1982.

BAY-CHENG, Sarah; KATTENBELT, Chiel e LAVENDER, Andy. *Mapping Intermediality in Performance*. Amesterdão: Amsterdam University Press, 2010.

BARING, Evelyn (conde de Cromer). *Modern Egypt*. Londres: Macmillan and Co, Ltd, 1908.

HOFFER, Eric. *The True Believer*. Nova York. *Harper & Row*, 1951. Edição Epub *Harper Collins e-books*, 2010.

MAALOUF, Amin. *As Cruzadas vistas pelos Árabes*. (Original: *Les Croisades vues par les Arabes*. 1983). Traduzido por G. Cascais Franco. Lisboa: Difel, 1993.

NUNES, Rui. *A Crisálida*. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

RUSHDIE, Salman. *Os versículos Satânicos*. (Original: *The Satanic Verses*. 1989). Traduzido por Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote/ Círculo de Leitores, 1989.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. 1978. Traduzido por Tomás Rosa Bueno. Companhia das Letras, S. Paulo, 1990.

SCOTT, Joanne. *Intermedial Praxis and Practice as Research*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

SONTAG, Susan. *On Photograph*. 1973. Edição electrónica publicada por RosettaBooks LLC, Nova York, 2005.

STORM, Morten. *Agent Storm: My Life Inside al-Qaeda*. UK: Penguin, Kindle edition, 2014.

WILLIAMS, Paul L. *O guia completo da Cruzadas I*. 1 ed. São Paulo: Madras, 2007

## Videografia

CIRILLO, Chris e Scheffler. *The Islamic State's Claim to Spain*. New York Times Channel, 19/08/2017,  
<https://www.nytimes.com/video/world/europe/100000005370899/the-islamic-states-claim-to-spain.html>. Acedido em Fevereiro 2017.

CURTIS, Adam. *Hypernormalisation*. 2016. BBC. Publicado por NYC, 29/12/2016, YouTube, <https://www.youtube.com/watch?v=9aLQPNPIK5M>. Acedido em Fevereiro 2017.

CURTIS, Adam. *The Power Of Nightmares: Part 1 Baby Its Cold Outside*. 2004. Publicado por Adam Curtis Documentary, 20/05/2016, *YouTube*, [https://www.youtube.com/watch?v=dTg4qnyUGxg&list=PLtPP\\_rkrT3CmuUxjezbewL5C8fcIIFv](https://www.youtube.com/watch?v=dTg4qnyUGxg&list=PLtPP_rkrT3CmuUxjezbewL5C8fcIIFv). Acedido em Fevereiro 2017.

CURTIS, Adam. *The Power Of Nightmares: Part 2 The Phantom Victory*. 2004. Publicado por Adam Curtis Documentary, 20/05/2016, *YouTube*, [https://www.youtube.com/watch?v=7QTaJ\\_ZVn-4](https://www.youtube.com/watch?v=7QTaJ_ZVn-4). Acedido em Fevereiro 2017.

CURTIS, Adam. *The Power Of Nightmares- Part 3 The Shadows In The Cave*. 2004. Publicado por Adam Curtis Documentary, 20/05/2016, *YouTube*, <https://www.youtube.com/watch?v=WD1BRE-DBsA>. Acedido em Fevereiro 2017.

*Empire - The Network Revolution*. Publicado por Al Jazeera English, 23/02/2011, *YouTube*, <https://www.youtube.com/watch?v=7QNNbCBFUik>. Acedido em Março 2017.

*Execuções em Palmyra*. 2015. Vídeo de propaganda difundido pelo ISIS. Repescado em *Clarion Project*, 06/07/2015, <https://clarionproject.org/isis-latest-execution-video-no-mere-gore-flick/>. Acedido em Abril 2017.

*Flames of War*. 2014. Vídeo de propaganda difundido pelo ISIS através da sua produtora *Al Hayat Media Center*, <https://alhayatmedia.wordpress.com/flames-of-war/>. Acedido em Janeiro 2017.

RIEFENSTAHL, Leni. *Triumph des Willens*. 1935. Publicado por Nuclear Vault, 22/09/2011, *YouTube*, <https://www.youtube.com/watch?v=GHS2coAzLJ8&list=PLAhW9ZH9NlpSD52Awas2Qo-aFvhagbato>. Acedido em Março 2017.

## Musicografia

MOZART, Amadeus. "Non più andrai." Aria da ópera *As bodas de Fígaro*. 1786.

Publicado por Classical Melodies HQ, *YouTube*, 04/04/2017, <https://www.youtube.com/watch?v=qzspkhDg2Pc>. Acedido em Maio 2017.

WINEHOUSE, Amy. "Back to Black". in *Back to Black*. Londres; Island Records 2006.

EMINEM; "The Real Slim Shady (Instrumental)." 2000. *The Marshall Mathers LP*.

Publicado por HipHopUploader, *YouTube*, 18/04/2009,

<https://www.youtube.com/watch?v=yJWS8eyjvaY> Acedido em Abril 2017.

CHURCHILL, "Frank. Funny Little Bunnies - Silly Symphony." 1934. Produção Walt

Disney. Publicado por Old Classic Cartoons, *YouTube*, 26/08/2016,

<https://www.youtube.com/watch?v=fMsfW-ozsfA> Acedido em Abril 2017.

Metróonomo a 60 bps e 4/4 bars. Publicado por LumBeat, *YouTube*, 19/02/2013,

[https://www.youtube.com/watch?v=gsJEMH\\_emBM](https://www.youtube.com/watch?v=gsJEMH_emBM) Acedido em Abril 2017.

## Outras fontes da Web

ADAMS, Tim. "Adam Curtis continues search for the hidden forces behind a century of

chaos." *The Observer*, 09/10/2016, <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2016/oct/09/adam-curtis-donald-trump-documentary-hypernormalisation>.

Acedido em Julho 2017.

AL-ADM, Abu Ubayda Abdullah. *Safety and security guidelines for lone wolf Mujahideen and small cells*. 2016. Al-Fajr Media Center, <https://cryptome.org/2016/01/lone-wolf-safe-sec.pdf>. Acedido em Março 2017.

AL-AMIN, Hazem. “Sociological Challenges to Understanding Daesh and Its Incubators.” *Aljazeera Centre for Studies*, 04/12/2014, <http://studies.aljazeera.net/en/dossiers/decipheringdaeshoriginsimpactandfuture/2014/12/2014123103258578232.html>. Acedido em Janeiro 2017.

ALCORÃO. Traduzido por Samir El Hayek. Centro Islâmico do Brasil, 1974. (AH 1394), [www.fambras.org.br](http://www.fambras.org.br). Acedido em Fevereiro 2017.

ARELLANO, Fernando Prieto. “El EI "va a cambiar la historia borrándola", afirma ex-militante de Al Qaeda.” *EFE Madrid*, 06/10/2015, <https://www.efe.com/efe/america/gente/el-ei-va-a-cambiar-la-historia-borrandola-afirma-exmilitante-de-al-qaeda/20000014-2731408>. Acedido em Janeiro 2017.

BAKOWSKI, Piotr e Puccio, Laura. “Foreign fighters – Member State responses and EU action.” *European Parliament Think Tank Briefing*, 09/03/2016, [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2016/579080/EPRS\\_BRI\(2016\)579080\\_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2016/579080/EPRS_BRI(2016)579080_EN.pdf). Acedido em Janeiro 2017).

BONINO, Stefano. “In Conversation with Morten Storm: a Double Agent’s Journey into the Global Jihad.” Entrevista a Morten Storm, em *Perspectives on terrorism*, vol. 10, nº 1, 2006, <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/489/964>. Acedido em Fevereiro de 2017.

BROOKS, David. “How ISIS Makes Radicals.” *The New York Times*, 08/12/2015, referindo-se à obra de Eric Hoffer, *The True Believer*. 1951. <https://www.nytimes.com/2015/12/08/opinion/how-isis-makes-radicals.html?mcubz=3>. Acedido em Junho 2017.

BUNZEL, Cole. “From Paper State to Caliphate: The Ideology of the Islamic State.” *The Brookings Project on U.S. Relations with the Islamic World Analysis Paper*, No. 19, Março 2015, <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/The-ideology-of-the-Islamic-State.pdf>. Acedido em Janeiro 2017.

CALLIMACHI, Rukmini. “ISIS Enshrines a Theology of Rape.” *The New York Times*, 14/08/2015, <https://www.nytimes.com/2015/08/14/world/middleeast/isis-enshrines-a-theology-of-rape.html>. Acedido em Abril 2017.

CANTINHO, Maria João; “Rui Nunes: a experiência da desconstrução da linguagem.” *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid, 2006, <https://pendientedemigracion.ucm.es>. Acedido em Janeiro 2017.

CHABKOUN, Malak. “Deciphering Daesh: Origins, Impact and Future.” *Aljazeera Centre for Studies*, 19/04/2015, <http://studies.aljazeera.net/en/dossiers/decipheringdaeshoriginsimpactandfuture/2014/12/20141238492604185.html>. Acedido em Janeiro 2017.

CORREIA, Gonçalo. “O Estado Islâmico e a Internet: onde e como eles recrutam.” *Observador*, 20/11/2015, <http://observador.pt/2015/11/20/o-estado-islamico-e-a-internet-onde-e-como-recruta/>. Acedido em Fevereiro 2017.

CRAWFORD, Jamie e Koran, Laura. “U.S. officials: Foreigners flock to fight for ISIS.” *CNN*, 11/02/2015, <http://edition.cnn.com/2015/02/10/politics/isis-foreign-fighters-combat/>. Acedido em Maio 2017.

DUARTE, Felipe Pathé. “O DAESH digital.” *Observador*, 19/11/2015, <http://observador.pt/opiniao/o-daesh-digital>. Acedido em Março 2017.

DUARTE, João Ricardo de Oliveira. “O Abandono e a Palavra Pobre.” Dissertação de Mestrado em Filosofia, área de especialização em Estética, *Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa*, 2015, <https://run.unl.pt/bitstream/10362/15788/1/Tese%20de%20Mestrado.pdf>. Acedido em Abril 2017.

DUARTE, João Oliveira; “O Mundo é a construção do ódio.” *Ed Caliban*, 03/04/2017, <https://revistacaliban.net/o-mundo-%C3%A9-a-constru%C3%A7%C3%A3o-do-%C3%B3dio-44a4333b515>. Acedido em Abril 2017.

Entrevista a Abu Sa’d. em *Dabiq* n.º 15, 31/07/2016, <https://azelin.files.wordpress.com/2016/07/the-islamic-state-e2809cdacc84biq-magazine-1522.pdf>. Acedido em Janeiro 2017.

EREZ, Edna; Weimann, Gabriel; Weisburd, A. Aaron. “Jihad, Crime, and the Internet Content Analysis of Jihadist Forum Discussions.” Collingdale, EUA: *Diane Publishing Company*, 2011. Repescado em *Research Gate*, [https://www.researchgate.net/publication/281150984\\_Jihad\\_Crime\\_and\\_the\\_Internet\\_A\\_report\\_submitted\\_to\\_the\\_National\\_Institute\\_of\\_Justice\\_Washington\\_DC](https://www.researchgate.net/publication/281150984_Jihad_Crime_and_the_Internet_A_report_submitted_to_the_National_Institute_of_Justice_Washington_DC). Acedido em Março 2017.

Estatuto de Roma do Tribunal Internacional Penal. 2002. *ONU*, <http://www.un.org/spanish/law/icc/icc.html>. Acedido em Janeiro 2017.

FRIEDMAN, Tom. “ISIS, Boko Haram and Batman.” *The New York Times*, 4/10/2014, <https://www.nytimes.com/2014/10/05/opinion/sunday/thomas-l-friedman-isis-boko-haram-and-batman.html?partner=rssnyt&emc=rss>. Acedido em Janeiro 2017.

GOLDMAN, Adam. “Kayla Mueller, American hostage of the Islamic State, is confirmed dead.” (Carta manuscrita de Kayla Mueller à família, durante o seu cativeiro). *The Washington Post*, 10/02/2015, [https://www.washingtonpost.com/world/national-security/us-believes-kayla-mueller-hostage-of-islamic-state-is-dead/2015/02/10/76eef7f0-b12e-11e4-886b-c22184f27c35\\_story.html?tid=hpModule\\_04941f10-8a79-11e2-98d9-3012c1cd8d1e&utm\\_term=.f8bbec2b49d2](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/us-believes-kayla-mueller-hostage-of-islamic-state-is-dead/2015/02/10/76eef7f0-b12e-11e4-886b-c22184f27c35_story.html?tid=hpModule_04941f10-8a79-11e2-98d9-3012c1cd8d1e&utm_term=.f8bbec2b49d2). Acedido em Fevereiro 2017.

HANIYEH, Hassan Abu. “Daesh’s Organisational Structure.” *Aljazeera Centre for Studies*, 04/12/2014, <http://studies.aljazeera.net/en/dossiers/decipheringdaeshoriginsimpactandfuture/2014/12/201412395930929444.html>. Acedido em Fevereiro 2017.

HARISSI, Mohamad Ali, AFP. “ISIS is trying to lure recruits from the West with promises of love and jobs.” *Business Insider*, 07/03/2015, <http://www.businessinsider.com/afp-promises-of-love-jobs-for-foreign-recruits-in-is-utopia-2015-3>. Acedido em Janeiro 2017.

HASSAN, Hassan. “Secret Programs in ISIS Training Camps; Sharia or Sword.” *Alalam News*, 25/01/2015, <http://en.alalam.ir/news/1669761>. Acedido em Fevereiro 2017.



HOOBKAMER, Loes. “Fatal Aesthetics - A study on the theatrical representation of the public execution in the Islamic State’s Palmyra execution video.” 2016. *Lund University*,

<http://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordOId=8877346&fileOId=8877347>. Acedido em Fevereiro 2017.

“Jihad Intel – Vital Intelligence on Islamic Terrorist Organizations”. *Middle East Forum*, <http://jihadintel.meforum.org/>. Acedido em Março 2017.

KERN, Soeren. “Portugal's Jihadists.” *Gatestone Institute*, 14/09/2014, <https://www.gatestoneinstitute.org/4697/portugal-jihadists>. Acedido em Fevereiro 2017.

KLAUSEN, Jytte; Barbieri, Eliane Tschaen; Reichlin-Melnick, Aaron e Y. Zelin, Aaron. “The YouTube Jihadists: A Social Network Analysis of Al-Muhajiroun’s Propaganda Campaign.” *Perspectives on Terrorism*, vol. 6, n.º 1, 2012, <http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/klausen-et-al-youtube-jihadists/html>. Acedido em Março 2017.

KOERNER, Brendan I. “Why Isis Is Winning the Social Media War.” *Wired*, 30/03/2016, <http://www.wired.com/2016/03/isis-winning-social-media-war-heres-beat/>. Acedido em Fevereiro 2017.

NUNES, Rui. Entrevistado por Diogo Vaz Pinto. “Rui Nunes. Não basta compreender o terror. É preciso participar dele.” *Jornal i*, 2/09/2013, <https://ionline.sapo.pt/358208>. Acedido em Janeiro 2017.

NUNES, Rui. Entrevistado por Maria Leonor Nunes. “Rui Nunes - A Europa rente ao chão.” *Jornal de Letras*, 28/04/2016, <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/2016-04-28-Rui-Nunes---A-Europa-rente-ao-chao>. Acedido em Janeiro 2017.

NUNES, Rui. “A pátria é a viagem de Rui Nunes”. Entrevistado pelo caderno Ípsilon, do *Público*, 06/06/2012, <https://www.publico.pt/2012/06/06/culturaipsilon/noticia/a-patria-e-a-viagem-de-rui-nunes--306034>. Acedido em Janeiro 2017.

PAPE, Robert A. “The Strategic Logic of Suicide Terrorism.” 2003. *American Political Science Review*, volume 97 n.º 3, Agosto 2003. *Columbia University*, <http://www.columbia.edu/itc/journalism/stille/Politics%20Fall%202007/readings%20weeks%206-7/Strategic%20Logic%20of%20Suicide%20Missions.pdf>. Acedido em Janeiro 2017.

PINTO, Nuno Tiago. “Fábio Poças: "Mato qualquer um que lute contra o Islão." *Sábado online*, 09/10/2014, <http://www.sabado.pt/mundo/detalhe/fabio-pocas-mato-qualquer-um-que-lute-contr-o-islao>. Acedido em Janeiro 2017.

RODRIGUES, Isabel Cristina. “The Thin Red Line: o outro trajecto da pele em Rui Nunes.” Homografias, literatura e homoerotismo, *revistas.ua.pt*, 2009, <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/2295/2155>. Acedido em Janeiro 2017.

ROSA, Sofia Miguel, Pombo, Cristina e Franco, Hugo. “Ataques terroristas no mundo.” *Expresso*, actualizado a 15/07/2016, [http://multimedia.expresso.pt/ataques\\_terroristas\\_mundo/](http://multimedia.expresso.pt/ataques_terroristas_mundo/). Acedido em Fev. 2017.

SALAMEH, Dr. Sami. “A Síria entre o real e o Virtual.” *Oriente Mídia*, 04/12/2014, <http://www.orientemidia.org/a-siria-entre-o-real-e-o-virtual/>. Acedido em Janeiro 2017.

STORM, Morten. “ISIS Wants Me Dead: Why You May Be Next.” *Time*, 05/09/2014, <http://time.com/3259296/isis-al-qaeda-double-agent/>. Acedido em Março 2017.

SVIRSKY, Meira. “Feature Film to Intimidate West.” *Clarion Project*, 21/09/2014, <https://clarionproject.org/isis-releases-flames-war-feature-film-intimidate-west/>.

Acedido em Janeiro 2017.

SVIRSKY, Meira. “ISIS Latest Execution Video: No Mere Gore Flick.” *Clarion Project*, 06/07/2015, <https://clarionproject.org/isis-latest-execution-video-no-mere-gore-flick/>. Acedido em Janeiro 2017.

*Wikiquote*, sobre Edmund Burke, 13/04/2014, [https://pt.wikiquote.org/wiki/Edmund\\_Burke](https://pt.wikiquote.org/wiki/Edmund_Burke). Acedido em Outubro 2017.

## Índice de imagens e vídeos

### Vídeo “Receita”

Foto gigante de Afez-al-Assad, nas encostas de Damasco. CURTIS, Adam. *Hypernormalisation*. 2016. BBC. Trecho 13m15s do vídeo, publicado por NYC, *YouTube*, 29/12/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=9aLQPNPIK5M>. Acedido em Agosto 2017.

Passagens de discurso de Hitler. “Hitler speaks at Reichsparteitag”, (Congresso da Liberdade, em 16 de Setembro de 1935). USHMM Collections. Trechos 23s e 2m23s do vídeo, publicado por Kurt Russel. *YouTube*, 30/11/2014, <https://www.youtube.com/watch?v=gx0ox36OeZA> Acedido em Agosto 2017.

Foto de banco de armas. *Radiogeice online*, 12/06/2017, <http://www.radiogeice.com/fm/2017/06/12/primeiro-banco-de-armas-do-pais-vai-ser-instalado-em-viana-do-castelo/>. Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Morte de Inês de Castro*. 1816. DESENNE, Alexandre-Joseph (desenho) e LAURENT, Henri (gravura). Ilustração de “Os Lusíadas”, edição: Morgado de Mateus, Paris, 1817. *A viagem dos argonautas*, <https://aviagemdosargonautasdotcom.files.wordpress.com/2014/07/imagem51.jpg>. Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Los fusilamientos del 3 de mayo*. 1814. GOYA, Francisco de. *The Artchive*, [http://www.artchive.com/ftp\\_site.htm](http://www.artchive.com/ftp_site.htm). Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Judith Beheading Holofernes*. 1620. GENTILESCHI, Artemisia. *The Artchive*, [http://www.artchive.com/ftp\\_site.htm](http://www.artchive.com/ftp_site.htm). Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Soft construction with boiled apricots*. 1936. DALI, Salvador. *Fundação Gala-Salvador Dali*, [http://www.salvador-dali.org/catalog\\_raonat/fitxa\\_obra.php?obra=446&inici=1935&fi=1939](http://www.salvador-dali.org/catalog_raonat/fitxa_obra.php?obra=446&inici=1935&fi=1939). Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Golconde*. 1953. MAGRITTE, René. *renemagritte.org*, <https://www.renemagritte.org/golconda.jsp>. Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Saturno*. 1821-23. GOYA, Francisco de. *The Artchiv*, [http://www.artchive.com/ftp\\_site.htm](http://www.artchive.com/ftp_site.htm). Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Vertumnus and Pomona*. 1613. GOLTZIUS, Hendrick. *Rijksmuseum*, <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/SK-A-2217>. Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *Lot and his Daughters*. 1616. GOLTZIUS, Hendrick. *Rijksmuseum*, <https://www.rijksmuseum.nl/en/collection/SK-A-4866>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do cozinheiro dos Marretas. “Muppet Show. Swedish Chef - Ping Pong Ball Eggs”. Criado por Jim Henson, 1978. Trecho 15s do vídeo *The Muppet Show*, temporada 2, episódio 14, publicado por SwedishChefVideos, *YouTube*, 25/08/2008, <https://www.youtube.com/watch?v=RhRkAzaDuyg>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do cozinheiro dos Marretas. “The Muppet Show - The Swedish Chef”. *The Muppet Show*. Trecho 6m14s do vídeo publicado por Sárka Dvoraková, *YouTube*, 14/11/2008, [https://www.youtube.com/watch?v=\\_8SGRm3JaW8](https://www.youtube.com/watch?v=_8SGRm3JaW8). Acedido em Agosto 2017.

Imagens de bailarinas dos Marretas. “The Muppet Show - The Swedish Chef”. *The Muppet Show*. Trecho 15s do vídeo publicado por Sárka Dvoraková, *YoTube*, 14/11/2008, <https://www.youtube.com/watch?v=8SGRm3JaW8>. Acedido em Agosto 2017.

Imagem de Incognitos. “Empire - The Network Revolution.” Trecho 1m56s do vídeo publicado por Al Jazeera English, *YouTube*, 23/02/2011, <https://www.youtube.com/watch?v=7QNNbCBFUik>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens d videojogo Pacman. "Deluxe Pacman- Gameplay.” Trecho inicial do vídeo publicado por YourRetrogamer, *YouTube*, 10/03/2010, <https://www.youtube.com/watch?v=VAc50Wy9w3M>. Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *The Treachery of Images*, 1929. MAGRITTE, Rene. *Rene Magritte Org.*, <https://www.renemagritte.org/the-treachery-of-images.jsp>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens de redes sociais. “Empire - The Network Revolution.” Trechos 46s e 2m15s do vídeo publicado por Al Jazeera English, *YouTube*, 23/02/2011, <https://www.youtube.com/watch?v=7QNNbCBFUik>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens de cavaleiros num filme antigo. “The Power Of Nightmares- Part 3 The Shadows In The Cave.” 2004. CURTIS, Adam. Trecho 41m21s do vídeo publicado por Adam Curtis Documentary, *YouTube*, 20/05/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=WD1BRE-DBsA>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do cozinheiro dos Marretas. “The Muppet Show - The Swedish Chef.” *The Muppet Show*. Trechos 1m56s e 3m54s do vídeo publicado por Sárka Dvoraková, *YouTube*, 14/11/2008, <https://www.youtube.com/watch?v=8SGRm3JaW8>. Acedido em Agosto 2017.

Foto trabalhada de guerrilheiro. “Dabiq” n.º 15, de 31/07/2016, p. 09. *Jihadology*, <https://azelin.files.wordpress.com/2016/07/the-islamic-state-e2809cdacc84biq-magazine-1522.pdf>. Acedido em Agosto 2017.

Foto de mulher com colete de explosivos. *Tori news*, 21/12/2015, <http://www.tori.ng/news/16523/11-confirmed-killed-as-three-female-suicide-bomber.html>. Acedido em Julho 2017.

Foto de grupo de encapuçados com coletes de bombas e criança. *Esquerdopatia*, <https://esquerdopatia.wordpress.com/2013/02/13/um-dia-na-vida-torturante-dos-cristaos-do-oriente-medio/>. Acedido em Julho 2017.

Imagens de pessoas com máscaras de gás. “HyperNormalisation.” 2016. CURTIS, Adam. Trecho 18m58s do vídeo publicado por Adam Curtis Documentary, *YouTube*, 12/12/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=fh2cDKyFdyU>. Acedido em Julho 2017.

Imagens de carrascos conduzindo vítimas (execução de 21 ou 22 cristãos coptas na costa da Líbia em Janeiro ou Fevereiro de 2015). “A Message signed with blood to the nation of the cross.” Difundido pelo ISIS. Trecho 1m26s do vídeo publicado por Vivemos com Deus, *YouTube*, 22/07/2015, <https://www.youtube.com/watch?v=t4QCNWQ6kgc>. Acedido em Julho 2017.

Foto de Kenji Goto, jornalista japonês decapitado pelo ISIS em Janeiro 2015. *Muslim Statistics*, 9/10/2016, <https://muslimstatistics.wordpress.com/2016/10/09/the-secret-to-japans-miniscule-crime-statistics/>. Acedido em Julho 2017.

Foto da pintura *Guernica*. 1937. PICASSO, Pablo. *PabloPicasso.org*, <https://www.pablocicasso.org/guernica.jsp>. Acedido em Julho 2017.

Foto da pintura *Taking of Jerusalem by the Crusaders, 15th July 1099*. 1847. SIGNOL, Emile. *Wikipedia*, [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cerco\\_de\\_Jerusal%C3%A9m\\_\(1099\)#/media/File:Counquest\\_of\\_Jeusalem\\_\(1099\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cerco_de_Jerusal%C3%A9m_(1099)#/media/File:Counquest_of_Jeusalem_(1099).jpg). Acedido em Julho 2017.

Imagem do dr. Strangelove. “HyperNormalisation.” 2016. CURTIS, Adam. Trecho 14m11s do vídeo publicado por Adam Curtis Documentary, *YouTube*, 12/12/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=fh2cDKyFdyU>. Acedido em Julho 2017.

Desenho de mapa do mundo. *Thinglink*, <https://www.thinglink.com/scene/382797592313987073>. Acedido em Julho 2017.

Imagens do olho de um furacão. “The Power Of Nightmares- Part 3 The Shadows In The Cave.” 2004. CURTIS, Adam. Trecho 50m58s do vídeo publicado por Adam Curtis Documentary, *YouTube*, 20/05/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=WD1BRE-DBsA>. Acedido em Agosto 2017.

Imagem de molécula DNA feita com dinheiro. GMA’s (Genetically Modified Ads). *TX Creative PI*, <https://txcreativep1.wordpress.com/2013/03/27/gmas-genetically-modified-ads/>. Acedido em Agosto 2017.



Imagens de bolsa de valores. "This is NYMEX." Trecho 45s do vídeo publicado por MorrisProdGrp, *YouTube*, 05/12/2011,

[https://www.youtube.com/watch?v=3\\_VCIQerVHQ](https://www.youtube.com/watch?v=3_VCIQerVHQ). Acedido em Agosto 2017.

Imagens do cozinheiro dos Marretas. "Muppet Show. Swedish Chef - Ping Pong Ball Eggs." *The Muppet Show*, temporada 2, episódio 14, criado por Jim Henson, 1978.

Trecho 1m37s do vídeo publicado por SwedishChefVideos, *YouTube*, 25/08/2008,

<https://www.youtube.com/watch?v=RhRkAzaDuyg>. Acedido em Agosto 2017.

Foto da pintura *The Scream*. 1893. MUNCH, Edvard. *Artchive*,

[http://artchive.com/ftp\\_site.htm](http://artchive.com/ftp_site.htm). Acedido em Agosto 2017.

Foto da litografia *The Scream*. 1885. MUNCH, Edvard. *Artchive*,

[http://artchive.com/ftp\\_site.htm](http://artchive.com/ftp_site.htm). Acedido em Agosto 2017.

Imagens da explosão de uma bomba atômica. "The Power Of Nightmares- Part 3 The Shadows In The Cave." 2004. CURTIS, Adam. Trecho 45m57s, *YouTube*, 20/05/2016,

<https://www.youtube.com/watch?v=WD1BRE-DBsA>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do cozinheiro dos Marretas. "The Muppet Show. Pöpcørn, Recipes with The Swedish Chef." Trecho 1m53s do vídeo publicado por The Muppets, *YouTube*,

02/07/2010, <https://www.youtube.com/watch?v=B7UmUX68KtE>. Acedido em Agosto 2017.

#### Vídeo "Jogos de video"

Imagens de chamas. "Analysis: Flames of war, New ISIS Video Released." Trecho 5m50s do vídeo publicado por Alex Jones Channel, *YouTube*, 20/09/2014,

<https://www.youtube.com/watch?v=Sai2gqP2tJU>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do desenho animado, Bambi. “Bambi say bird.” Trecho 46s do vídeo publicado por RebornButterfly1992, *YouTube*, 27/10/2011,

<https://www.youtube.com/watch?v=ezzBc5DiixI>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens de videojogo. “TOP 25 BEST Upcoming Games of 2017 & 2018 (E3 2017).”

Trecho 26m50s do vídeo publicado por Play4Games, *YouTube*, 19/06/2017,

<https://www.youtube.com/watch?v=EmQxsBz27XY>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens de criança em vídeo de propaganda do ISIS. “New ISIS propaganda video shows children happily preparing to kill themselves to kill infidels.” Trechos 56s e

3m08s do vídeo publicado por 4.7M views, *YouTube*, 01/08/2016,

<https://www.youtube.com/watch?v=2ta15NL5gPE>. Acedido em Agosto 2017.

Foto de criança soldado na Serra Leoa. *DW news*, 17/08/2003, [http://www.dw.com/pt-](http://www.dw.com/pt-br/unidos-pela-%C3%A1frica/a-949255)

[br/unidos-pela-%C3%A1frica/a-949255](http://www.dw.com/pt-br/unidos-pela-%C3%A1frica/a-949255). Acedido em Agosto 2017.

Foto de mulher velha com metralhadora de guarda a sua casa na aldeia de Degh durante o conflito da Arménia. 1990. JOHANNES, Armineh. *United Nations Photogallery*,

<http://www.unmultimedia.org/photo/detail.jsp?id=751/75187&key=3&query=JOHANNES,%20Armineh&lang=en&sf=>.

Acedido em Agosto 2017.

Imagens de homem com mina. “Minas antitanque FFV (test en Suecia).” Trecho 3s do

vídeo publicado por Panzerargentino1, *YouTube*, 27/09/2014,

<https://www.youtube.com/watch?v=lhUkIZVxGBI>. Acedido em Agosto 2017.

Foto do grafiti “Monalisa with Bazooka Rocket” ou “Mona Lisa Mujaheddin.”

BANKSY. 2007/08, Soho, Londres. *Weheartit*, <http://weheartit.com/entry/122424148>.

Acedido em Agosto 2017.

Imagens do videogame “Risingstorm 2”. “Melhores jogos de guerra Xbox One Ps4 2017.” Trecho 11m34s do vídeo publicado por Heros Black, *YouTube*, 30/11/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=jkIZ6kszf4E>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do videogame “Assassins’s Creed: Origins”. “TOP 25 BEST Upcoming Games of 2017 & 2018 (E3 2017).” Trecho 13m55s do vídeo publicado por Play4Games, *YouTube*, 19/06/2017, <https://www.youtube.com/watch?v=EmQxsBz27XY>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do videogame “Call of Duty, Modern Warfare Remastered”. “Melhores jogos de guerra Xbox One Ps4 2017.” Trecho 6m30s do vídeo publicado por Heros Black, *YouTube*, 30/11/2016, <https://www.youtube.com/watch?v=jkIZ6kszf4E>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens da explosão de bomba atômica. “Hiroshima: Dropping The Bomb - Hiroshima – BBC.” Trecho 3m34s do vídeo publicado por BBC Worldwide Channel, *YouTube*, 14/03/2017, <https://www.youtube.com/watch?v=3wxWNAM8Cso>. Acedido em Agosto 2017.

Imagens do filme *The sound of music*. WISE, Robert. 1965. Trecho 1m58s do vídeo “My Heart wants to” publicado por Felix Mathew, *YouTube*, 07/02/2009, <https://www.youtube.com/watch?v=KAKfYwVvdR4>. Acedido em Agosto 2017.

#### Vídeo “ A queda”

Imagens de queda livre. “31km Freefall (Joseph Kittinger).” Montagem do vídeo publicado por Daniel Jacob, *YouTube*, 06/05/2009, [https://www.youtube.com/watch?v=Qw8OJJQ\\_hgk](https://www.youtube.com/watch?v=Qw8OJJQ_hgk). Acedido em Abril 2017

Imagens de queda livre. “Ascent.” Montagem do vídeo publicado por Provotroll, *Vimeo*, 13/09/2016, <https://vimeo.com/182553858>. Acedido em Abril 2017.

Imagens de queda livre. “Jon Gjerde Hanggliding G-force - 28th June 2016.” Montagem do vídeo publicado por Vegar Vedaa, *Vimeo*, 04/07/2016, <https://vimeo.com/173368686>. Acedido em Abril 2017.

Imagens de queda livre. “Blast into Outer Space, Spectacular Fall to Earth.” Montagem do vídeo publicado por SpaceRip, *YouTube*, 28/05/2009, <https://www.youtube.com/watch?v=vPQvTgD2quQ>. Acedido em Abril 2017.

Foto da pintura *Corpus hipercubos*. 1954. DALÍ, Salvador. The Metropolitan Museum of Art, Nova York. *Fundação Gala-Salvador Dalí*, [http://www.salvador-dali.org/catalog\\_raonat/fitxa\\_obra.php?obra=681&inici=1952&fi=1964](http://www.salvador-dali.org/catalog_raonat/fitxa_obra.php?obra=681&inici=1952&fi=1964). Acedido Julho 2017.

Foto de mulher com colete de explosivos. “11 Confirmed Killed as Three Female Suicide Bombers Strike Again in Borno.” *Tori news*, 21/12/2015, <http://www.tori.ng/news/16523/11-confirmed-killed-as-three-female-suicide-bomber.html>. Acedido em Julho 2017.

Foto de Umm, na sua página Facebook, suspeita de ser Ângela Barreto. *Sábado online*, 09/10/2014, <http://www.sabado.pt/mundo/detalhe/fabio-pocas-mato-qualquer-um-que-lute-contra-o-islao>. Acedido em Julho 2017.

Foto de soldado da I Guerra Mundial com máscara de gás. *Pinterest*, <https://es.pinterest.com/>. Acedido em Abril 2017.

Desenho de soldado com máscara de gás. ABRANCHES, Filipe. *Chatear-me-ia morrer tão jovem...* 2016. Produção Animais AVPL. Trecho 12s, trailer publicado por Filipe Abranches, *Vimeo*, 10/02/2016, <https://vimeo.com/154875532>. Acedido em Abril 2017.

Foto de desenho de batalha das cruzadas. *As Cruzadas blogspot*, <https://ascruzadas.blogspot.pt>. Acedido em Abril 2017.

Foto da pintura *Carlos Magno e a batalha contra os saxões*. British Library. *Idade média blog*, <https://idademedia.wordpress.com/2014/06/23/a-guerra-santa-em-carlos-magno-e-seus-pares/#more-929>. Acedido em Abril 2017.

Foto de pintura do Anjo da Guarda. *Fine Art America*, <https://fineartamerica.com>. Acedido em Abril 2017.

Foto de crianças soldados na guerra do Uganda. *Printrest*, <https://es.pinterest.com/>. Acedido em Abril 2017.

Foto da pintura *Death on the pale horse*. 1865. DORÉ, Gustave. Ilustração da Bíblia sueca do séc. XX. *wikimedia commons*, <https://commons.wikimedia.org>. Acedido em Maio 2017.

Foto da pintura *Inferno, quadro 65, Canto XXXI - Os Titans*. 1857. DORÉ, Gustave. Da obra *Inferno* de Dante Alighieri. *Wikipedia*, [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Gustave\\_Dor%C3%A9\\_-\\_Dante\\_Alighieri\\_-\\_Inferno\\_-\\_Plate\\_65\\_%28Canto\\_XXXI\\_-\\_The\\_Titans%29.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Gustave_Dor%C3%A9_-_Dante_Alighieri_-_Inferno_-_Plate_65_%28Canto_XXXI_-_The_Titans%29.jpg).

Acedido em Maio 2017.

Foto da pintura *David*. 1606/07. CARAVAGGIO. *Fundação Caravaggio*, [www.caravaggio-foundation.org](http://www.caravaggio-foundation.org). Acedido em Maio 2017.

Foto da decapitação de um alegado espião, num vídeo de propaganda do ISIS. *Dailynail Online*, 12/07/2016, <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3685933/ISIS-behead-five-civilians-families-supplying-information-Kurdish-troops.html>. Acedido em Agosto 2017.

Foto de decapitação em massa de reféns cristãos copta, por um grupo terrorista da Líbia, braço do ISIS, num vídeo de propaganda. *Jornal de Notícias*, 15/02/2015, <http://www.jn.pt/mundo/interior/estado-islamico-divulga-video-da-decapitacao-de-21-cristaos-egipcios-4402805.html>. Acedido em Agosto 2017.

Foto trabalhada da decapitação de James Foley, retirada de um vídeo de propaganda do ISIS. *CNN International Edition*, 20/0/2014, <http://edition.cnn.com/2014/08/19/world/meast/isis-james-foley/index.html>. Acedido em Fevereiro 2017.

Foto trabalhada de Hasna Ait Boulahcen, parente de um dos alegados terroristas do ataque ao jornal Charlie Hebdo e outros pontos de Paris, em 7 Janeiro 2015, publicada na sua página do facebook. *The Independent*, 21/01/2016, <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/hasna-ait-boulahcen-family-of-woman-wrongly-accused-of-suicide-bombing-say-she-was-murdered-during-a6824516.html>. Acedido em Fevereiro 2017.

Foto da pintura *Medusa*. 1596(?). CARAVAGGIO. *Fundação Caravaggio*, <https://www.caravaggio-foundation.org/Medusa.html>. Acedido em Agosto 2017.

Duas fotos trabalhadas de Aafia Siddiqui, neurocientista paquistanesa, acusada, em 2010, num tribunal americano de auxílio ao terrorismo. *Wikipedia*, [https://en.wikipedia.org/wiki/Aafia\\_Siddiqui](https://en.wikipedia.org/wiki/Aafia_Siddiqui). Acedido em Março 2017.

Foto de Kayla Mueller, raptada e morta no cativeiro pelo ISIS em Agosto 2013, retirada de um vídeo publicado pelo ISIS no final de Agosto 2013. *Abc News*, 25/08/2016, <http://abcnews.go.com/International/kayla-mueller-captivity-courage-selflessness-defended-christian-faith/story?id=41626763>. Acedido em Setembro 2017.